



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA

**As personagens femininas em *Mafalda* e *Mujeres Alteradas*: uma
análise comparativa**

Glória Mercia de Azevedo Barros

Monteiro – PB
2014

GLÓRIA MERCIA DE AZEVEDO BARROS

**As personagens femininas em *Mafalda* e *Mujeres Alteradas*: uma
análise comparativa**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Espanhola.

Área de concentração: Literatura, mulher e sociedade.

Orientadora: Professora Dr.^aCristiane Agnes Stolet Correia.

**Centro de Ciências Humanas e Exatas da UEPB
Monteiro - PB**

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B223p Barros, Glória Mercia de Azevedo.
As personagens femininas em 'Mafalda e Mujeres Alteradas'
[manuscrito] : uma análise comparativa / Glória Mercia de
Azevedo Barros. - 2014.
88 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Exatas, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia,
Departamento de Letras".

1. Mulher. 2. Sociedade. 3. Personagens femininas. 4.
Mafalda. 5. Mujeres alteradas. I. Título.

21. ed. CDD 860

GLÓRIA MERCIA DE AZEVEDO BARROS

**As personagens femininas em *Mafalda* e *Mujeres
Alteradas*: uma análise comparativa**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Espanhola.

Área de concentração: Literatura, mulher e sociedade.

Orientadora: Professora Dr.^aCristiane Agnes Stolet Correia.

Aprovada em: 31/07/2014

BANCA EXAMINADORA

Cristiane Agnes Stolet Correia

Professora Dr.^a Cristiane Agnes Stolet Correia (Orientadora)

Wanderlan da Silva Alves

Professor Ms. Wanderlan da Silva Alves

Amanda da Silva Prata

Professora Amanda da Silva Prata

Aos meus pais, Genilda e Efigênio, pelo amor, pelos ensinamentos de vida, por estarem sempre presentes, pelo apoio, por me mostrarem que o conhecimento e a aprendizagem adquiridos são coisas que ninguém nunca poderá me tirar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos sempre esteve comigo, me protegendo e abençoando.

À professora Dr^a Cristiane Agnes pela orientação, apoio, confiança e paciência dedicados ao longo da elaboração deste trabalho. Também por ter compartilhado comigo seus ensinamentos que me mostraram que além de uma grande profissional é um ser humano especial, de uma humildade, simplicidade e inteligência raramente vistas. A quem tenho como exemplo de profissional e pessoa a seguir.

Aos meus pais Genilda e Efigênio, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, por sempre acreditarem na minha capacidade. Essa vitória em minha vida não foi apenas por minha causa, mas principalmente para ver o orgulho em seus olhos.

Nenhuma palavra aqui escrita define o tamanho amor que sinto por vocês e o orgulho que sinto de ser o resultado da educação e dos ensinamentos de vida de vocês. Sempre busco ser uma pessoa melhor para que sintam orgulho de mim.

Aos meus irmãos Efigênia, Paulo Sérgio e, em especial, a Régia Viviane minha companheira e amiga pra todas as horas. Enfim agradeço aos meus três exemplos, pois como sou a mais nova sempre me espelhei em vocês e admirei o caráter de cada um. Ao meu sobrinho Davi que, com seu sorriso e alegria me faz querer ser uma pessoa melhor e ter esperança na bondade do ser humano. A toda minha família pelo apoio e amor dado durante esse processo.

Agradeço a todos os professores que tive em minha vida, desde os que me ensinaram as primeiras letras até os da universidade, por me proporcionarem o conhecimento não apenas nos estudos, mas na manifestação do caráter e no processo de formação profissional. Cada um teve um papel importante em minha vida, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender.

Aos amigos que encontrei durante esses quatro anos e meio de vida acadêmica, amizades que levarei por toda a minha vida. Acredito que Deus coloca certas pessoas em nossas vidas para nos mostrar que anjos existem, e assim posso definir minha amiga Fabrícia Chagas, a qual considero como uma irmã. Amigos que fazem parte da minha vida que me ensinaram muito, mesmo com o cansaço do convívio, aprendi com vocês a respeitar as diferenças e aceitar as imperfeições dos

outros, posso dizer que aprendi a ser uma pessoa melhor com o apoio e amizade de vocês: Aliana Barbosa, Fabiana Machado, Emerson Lima, Jandirene Tiburcio, Mariana Mamede, Maria Brito e Vandéilma Xavier. Sem esquecer dos amigos e colegas que ficaram pelo caminho. E entre as gratas surpresas que a vida me deu encontrei mais pessoas especiais nesse caminho acadêmico, que não poderia deixar de mencionar aqui, Natália Tatiane, Damiana Santiago, Jane D'ark de Melo e José Paiva, esses sem dúvidas estarão sempre em meu coração e na minha vida.

Deixo aqui os meus agradecimentos também para amigos que sempre estiveram do meu lado nos momentos de alegria e tristeza, e que mesmo com a distância estão na torcida por minha felicidade. E é através deles que posso afirmar que esses amigos são a família que o meu coração escolheu, Luana Moraes, Angélica Oliveira, Fernanda Lima, Dandara Katy de Melo, Núbia Barros, Jusyeli Mayara.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, os meus sinceros agradecimentos. Muito obrigada por tudo!

RESUMO

BARROS, Glória Mercia de Azevedo. *As personagens femininas em Mafalda e Mujeres Alteradas: uma análise comparativa*. Texto monográfico apresentado para a obtenção do título de Licenciada em Letras. Orientadora: Cristiane Agnes Stolet Correia. Monteiro: UEPB, 2014.

Este trabalho propõe-se analisar as personagens femininas das tiras *Mafalda* e *Mujeres Alteradas*, de Quino (1964) e Maitena (1993), respectivamente. Buscou-se mostrar a função da mulher na sociedade, apresentando os aspectos presentes desde a criação da menina até a formação da mulher, baseando-se principalmente na obra de Simone de Beauvoir *O Segundo Sexo: a experiência vivida* (1967/1970). E, através de um breve relato sobre os movimentos feministas no contexto histórico, social e cultural, baseado, sobretudo, na obra de Carla Cristina Garcia *Breve História do Feminismo* (2011), foram observados os avanços conseguidos pelas mulheres na história do mundo, ressaltando que um dos principais obstáculos enfrentados pelas mulheres em sua “conquista” são valores enraizados pela sociedade. A partir desses relatos, foram analisados os modos como são caracterizadas as personagens femininas de ambas as tiras no âmbito privado, ou seja, como mãe, esposa e dona de casa e no âmbito público, como são vistas pela sociedade.

Palavras-chave: mulher; sociedade; personagens femininas; *Mafalda*; *Mujeres Alteradas*.

RESUMEN

BARROS, Glória Mercia de Azevedo. *Los personajes femeninos en Mafalda y Mujeres Alteradas: un análisis comparativo*. Texto monográfico presentado para obtener el título de Licenciado en Letras. Orientadora: Cristiane Agnes Stolet Correia. Monteiro: UEPB, 2014.

Esta monografía se propone examinar los personajes femeninos de las tiras de *Mafalda* y de *Mujeres Alteradas*, Quino (1964) y Maitena (1993), respectivamente. Se buscó mostrar la función de la mujer en la sociedad, presentando los aspectos presentes desde la creación de la chica a la formación de la mujer, basándose principalmente en la obra de Simone de Beauvoir *O Segundo Sexo: a experiência vivida* (1967/1970). Y a través de una breve historia de los movimientos feministas en el contexto histórico, social y cultural, basada sobre todo en la obra de Carla Cristina García *Breve História do Feminismo* (2011), fueron observados los avances logrados por las mujeres en la historia del mundo, observándose que uno de los principales obstáculos enfrentados por las mujeres en su "conquista" son valores que están arraigados en la sociedad. A partir de estos informes, han sido analizados los modos cómo son caracterizados los personajes femeninos de las dos tiras en la esfera privada, es decir, como madre, esposa y ama de casa y en la esfera pública, como son vistos por la sociedad.

Palabras - clave: mujer; sociedad; personajes femeninos; *Mafalda*; *Mujeres Alteradas*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ASPECTOS PRESENTES NA CRIAÇÃO DA MENINA / FORMAÇÃO DA MULHER	13
1.1 A infância	13
1.2 A adolescência	17
1.3 A fase adulta.....	19
2 BREVE RELATO SOBRE A EVOLUÇÃO DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS NO MUNDO	25
2.1 A mulher na Europa (XIV-XVIII)	26
2.2 Feminismo do século XIX	28
2.3 Movimento feminista do século XX.....	32
3 A MULHER NO ÂMBITO PRIVADO	37
3.1 A Mulher em <i>Mafalda</i>	37
3.2 A perspectiva feminina em <i>Mujeres Alteradas</i>	45
4 A MULHER NO ÂMBITO PÚBLICO	53
4.1 A mulher em <i>Mafalda</i>	53
4.2 A perspectiva feminina em <i>Mujeres Alteradas</i>	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS.....	68
ANEXOS	70
ANEXO A – A Mulher no âmbito privado (<i>Mafalda e Mujeres Alteradas</i>)	71
ANEXO B – A Mulher no âmbito público (<i>Mafalda e Mujeres Alteradas</i>)	84

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.”(BEAUVOIR
1949; 1967, p. 9)

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a fazer um estudo comparativo das tiras *Mafalda* e *Mujeres Alteradas*, de Quino e de Maitena, respectivamente, tendo como foco de estudo a análise das personagens femininas de ambas as tiras. Objetiva-se analisar o papel histórico e social da mulher de acordo com a época – no caso de *Mafalda* anos 60/70 e *Mujeres Alteradas* anos 90/00 – destacando a função dada à mulher no âmbito privado, ou seja, no meio familiar: esposa, mãe, dona de casa e a mulher no âmbito público, com os estereótipos femininos definidos pela sociedade. Na presente monografia procura-se mostrar como a mulher é vista pela sociedade no decorrer da história e como é o posicionamento feminino com relação a essa visão social.

No primeiro capítulo deste trabalho foram analisadas as fases da vida da mulher, tendo como base principalmente a obra *O Segundo Sexo: Experiência Vivida*, de Simone de Beauvoir (1967). Este capítulo foi dividido em três subcapítulos: a infância da menina/mulher, onde foi mostrado o modo que é a criação da menina e no que difere à do menino; a adolescência feminina, que é a fase mais conturbada da mulher, onde ela tem que lidar com os seus conflitos internos e com as cobranças sociais; a fase adulta, quando a mulher tem uma “exigência” maior da sociedade, pois lhes são atribuídos “deveres” para com a família, ou seja, lhe é dada a responsabilidade pelo cuidado do lar, pela criação dos filhos e pela obediência que “deve” ter ao esposo.

O segundo capítulo apresenta um breve relato da história dos movimentos feministas no mundo, baseando-se principalmente nas obras *Breve História do Feminismo* e *História das Mulheres*, de Carla Cristina García e Joan Scott, respectivamente. Este capítulo é dividido em três subcapítulos, onde o primeiro relata os primeiros movimentos que surgiram na Europa e que tinham como principal objetivo a busca pela igualdade e pela cidadania feminina. No segundo subcapítulo foram destacados acontecimentos do movimento feminista durante o século XIX, época em que o feminismo foi reconhecido como um Movimento Social, conseguiu visibilidade mundial e obteve autonomia. Neste momento o objetivo principal era a luta pela igualdade social e também a participação feminina na política. No terceiro subcapítulo foram relatados aspectos importantes dos movimentos feministas que

aconteceram durante o século XX, num período entre a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial, foi o momento em que a mulher conseguiu o direito ao voto. Entretanto, esse século foi marcado por muitos altos e baixos no movimento feminista, pois chegou a ser considerado acabado e um tempo depois ressurgiu influenciado, principalmente, pelas ideias da escritora Simone de Beauvoir em sua obra intitulada *O Segundo Sexo*, em 1949, que se tornou um dos clássicos do feminismo, onde se mostra que as mulheres buscavam superar os conflitos internos e falar por si mesmas, e deviam lutar pela liberdade de se definirem por si próprias sem a necessidade de que a sociedade as rotulasse. Também vale ressaltar que a partir da década de 70 as reivindicações femininas se voltaram para a emancipação da mulher, que ganhou ainda mais força no século XXI, podendo-se dizer que essas conquistas alcançadas durante a história do feminismo não foram só pelos direitos da mulher, mas também pelo ser humano em geral.

No terceiro capítulo foram analisadas as personagens femininas de algumas tiras de *Mafalda* e *Mujeres Alteradas*, onde pode ser percebido o papel da mulher no âmbito particular definido pela sociedade, ou seja, a função dada à mulher em seu meio familiar, como mãe, esposa e dona de casa. Este capítulo foi dividido em dois subcapítulos. No primeiro subcapítulo foram analisadas tiras de *Mafalda*, baseadas nas teorias abordadas nos primeiros capítulos deste trabalho, onde podem ser notadas as diferentes posturas das personagens diante da situação feminina na sociedade. Mafalda representa o perfil da mulher contestadora que almeja espaço e reconhecimento perante a sociedade, já a amiga Susanita e a mãe de Mafalda representam o perfil da mulher que aceita submissa e passivamente o destino traçado. E no segundo, foram analisadas algumas tiras escolhidas de *Mujeres Alteradas*, abordando essa mesma temática, as personagens analisadas são mulheres do século XX que já conquistaram muitas coisas na “luta” pelo espaço e autonomia feminina na sociedade, mas ainda lidam com alguns conflitos internos e com valores culturais que estão enraizados na sociedade.

E finalmente, no quarto e último capítulo deste trabalho também foram analisadas algumas tiras escolhidas de *Mafalda* e *Mujeres Alteradas* com a temática da visão dos estereótipos femininos construídos pela sociedade, ou seja, como a mulher é vista no âmbito público, baseando essas análises nas teorias expostas nos dois primeiros capítulos deste trabalho. Este capítulo foi dividido em dois subcapítulos, onde no primeiro as tiras de *Mafalda* foram analisadas a partir da

temática da imagem da mulher perante a sociedade, com isso podem ser observadas as opiniões divergentes entre Mafalda e as outras personagens femininas analisadas com relação ao papel feminino no meio social. No segundo subcapítulo com essa mesma temática, foram analisadas algumas tiras de *Mujeres Alteradas* e a partir das personagens femininas pode ser observado que, apesar de muitas conquistas das mulheres na história, elas têm como uma das maiores preocupações o cuidado com a aparência que as faz “reféns” da sociedade, pois almejam alcançar o estereótipo tido como perfeito, o padrão imposto. Mesmo com todas as conquistas femininas, não podemos dizer que a mulher esteja no mesmo “patamar” masculino. De modo geral, a cultura machista ainda prevalece e a mulher muitas vezes acaba por reproduzir o discurso imposto mesmo sem perceber, seja com palavras, posturas ou ações. *Mujeres Alteradas* retrata esta realidade e nos inquieta com humor, despertando e provocando uma maior reflexão.

1 ASPECTOS PRESENTES NA CRIAÇÃO DA MENINA/ FORMAÇÃO DA MULHER

Neste capítulo serão apresentadas as fases da vida da mulher, desde a infância até a velhice, baseando-se principalmente na obra *O Segundo Sexo A experiência vivida*, de Simone de Beauvoir.

Tomando como base o fato de que essa obra tenha sido escrita no ano de 1949, as questões tratadas por Beauvoir ainda nos dias de hoje têm em grande parte semelhanças nas relações entre homens e mulheres. Apesar dos avanços conseguidos pela “liberdade” da mulher, há ainda uma certa influência cultural da sociedade na formação feminina, limitando-a.

Desde cedo a mulher teve que “lutar” contra o destino que lhe foi imposto pela sociedade para ter seu lugar no mundo. Como afirma Beauvoir (1949; 1967, p. 9), “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, assim definindo resumidamente a situação feminina no mundo, pois a mulher tem que buscar seu espaço e não permanecer à margem de sua própria vida.

A mulher é diferenciada na criação comparada à do homem, pois desde o nascimento tem determinadas limitações impostas pela sociedade, apesar de a menina em si até certa idade não perceber essa diferença, como se verá a seguir.

1.1 A infância

As crianças de ambos os sexos se desenvolvem da mesma maneira até certo momento, não costumam identificar as diferenças que as cercam, que lhes são muitas vezes impostas.

Desde o nascimento até o momento da desmama lidam com descobertas e rompimentos de vínculos da mesma maneira, principalmente com o relacionamento com a mãe, que é o principal vínculo no momento com o mundo externo. Tanto a menina quanto o menino têm os mesmos prazeres na fase da amamentação, como a sucção. Na fase da desmama as crianças têm o rompimento de um ciclo que as ligava exclusivamente à mãe, e passam a descobrir o próprio corpo, quando o exploram curiosamente e com uma indiferença, pois é comum a meninas e meninos.

À medida que cresce, a criança vai lidando com o “abandono”, pois vai se tornando um ser autônomo e de identidade própria. Na idade de 3/4 anos procura

agradar os pais e sempre estar junto da mãe cobrando carícias e atenção, tenta se justificar através dos olhares dos pais, ou seja, ser percebida, admirada e amada por todos ao seu redor, tentando assim dar continuidade à fase de felicidade plena antes da desmama. No momento em que a criança sente realmente o abandono, quando percebe que os pais deixam de fazer coisas que antes eram comuns a ela, não a colocam mais no colo nem a deixam dormir na cama deles, tanto o menino quanto a menina se sentem desprotegidos.

No momento em que descobre sua sensibilidade, a criança demonstra seu afeto, acariciando a mãe de forma agressiva, começa a perceber e entender as mímicas dos pais, na idade de seis meses aproximadamente, e também, quando nota a si mesma no reflexo do espelho, inicia uma fase de descobertas, principalmente de sua identidade.

Depois que a criança percebe sua imagem refletida no espelho começa a notar seu corpo e explorá-lo, principalmente os genitais, a partir daí a criança começa a perceber diferenças entre menina e menino, e também o modo como é tratada pela sociedade. Nessa fase o menino exibe o pênis com orgulho, esse não é um ato espontâneo da criança e sim incentivado pela sociedade que define o órgão genital do menino como instrumento de soberania masculina. Já para a menina seus órgãos genitais nunca lhe foram tidos como algo que possa ser exibido com orgulho, pelo contrário, sempre foi ensinada a esconder-se, desse modo a menina passa a ter um sentimento de inferioridade com relação ao menino.

Isso não acontece por causas biológicas, mas sim sociais, ou seja, a sociedade impõe seus valores aos novos seres desde a infância. Há uma diferença bem visível e percebida pelas crianças, que é a forma de urinar, nesse caso a menina tem um maior impacto por imaginar que lhe falta uma parte do corpo porque o menino tem “algo” a mais que ela. Para o menino, o ato de urinar em pé lhe é mais cômodo e passa uma imagem de imponência e orgulho, no caso da menina, ela tem que agachar-se e despir-se, escondendo o corpo por considerar um ato vergonhoso e incômodo. Entre a idade de 8 e 9 anos, que é quando sai de foco o seu interesse e curiosidade pelas partes genitais, a criança passa a ser um ser mais ligado à imagem social.

Outro aspecto importante a destacar é como os brinquedos e brincadeiras influenciam e definem a formação da criança, pois para a sociedade há uma separação entre brincadeiras de meninas e de meninos. Para os meninos, desde

cedo é mostrado que para se valorizar tem que demonstrar sua força física através de brincadeiras que utilizam o corpo, o domínio diante dos outros, a competição, não podendo demonstrar fraqueza. As brincadeiras das meninas não utilizam força nem pedem que sejam ativas, e sim são realizadas com bonecas, que cuidam como se fossem filhas, com salão de beleza para ter uma boa aparência, com casinha onde se tem o cuidado do lar. A partir disso pode-se perceber que há muitos aspectos que acabam definindo a função dada à mulher pela sociedade desde a infância, impondo limites e caminhos a serem seguidos. De modo geral, a desobediência à divisão entre jogos e funções atrelados ao feminino e ao masculino não é bem vista socialmente.

Mesmo sem perceberem, as crianças são criadas geralmente de maneiras diferentes, para os meninos, à medida que crescem, lhes é mostrado que para ser um homem de verdade deve-se ter menos demonstrações de afeto, assim têm certo tipo de independência dos pais e com isso recebem o reconhecimento de sua masculinidade perante todos. Já as meninas levam aparentemente certa “vantagem” nesse aspecto, pois recebem todo tipo de afeto e proteção dos pais, mas isso faz com que se tornem dependentes e entendam que para agradar aos outros devem seguir o que lhes mandam, como, por exemplo, o modo de se comportarem, o que podem ou não fazer, assim renunciando a sua autonomia:

ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito (BEAUVOIR, 1967, p. 22).

Essa submissão é uma característica que tende a se desenvolver na mulher desde a infância, imposta por seus pais e também pela sociedade, ou seja, não é algo biológico. E a criação da menina é de responsabilidade principalmente da mãe, nesse caso o pai tem um papel secundário. A menina é ensinada a ser como a própria mãe, ou seja, a ter o mesmo comportamento perante a sociedade, para assim ser “aceita” com mais facilidade, é ensinada a cozinhar, lavar, costurar, cuidar da casa e tudo isso sem perder a graciosidade que uma mulher “deve” ter, pois tem que haver o cuidado da aparência exigida pela sociedade. Mas se antes a mulher estava restrita ao mundo doméstico, com o passar dos anos e com os avanços dos

movimentos feministas, foi permitido à menina em sua criação que estudasse e praticasse esportes, mas não em sentido igual ao menino, pois geralmente a mulher teve uma exigência menor da sociedade com relação a desenvolver seu intelecto e suas habilidades de força física.

A menina é inserida nos trabalhos domésticos, tem como obrigação ajudar a mãe nos afazeres do lar e a cuidar dos irmãos mais novos, tendo assim precocemente responsabilidades. E à medida que cresce vê cada vez mais a superioridade masculina, como por exemplo, a forma de como a família tem orgulho de “exibir” o menino, de falar de suas virtudes. Essa hierarquia masculina é percebida primeiramente no meio familiar a partir da autoridade que o pai exerce dentro do mesmo, assim sendo a menina sempre espera passivamente uma valorização do pai, se o mesmo demonstrar alguma atenção pela menina isso fará com que ela se sinta satisfeita e digna, da mesma forma que ela anseia por um gesto de atenção do pai, ela vê na mãe uma rival com quem disputa o pai, em seu inconsciente há um desejo de retirar a mãe de seu caminho para receber toda a atenção do pai, como pode ser bem observado no Complexo de Electra¹ desenvolvido por Jung. Já no caso do menino, com relação ao pai detém certa “rivalidade”, por ser de seu instinto ser quem lidera e domina o seu “mundo”, o menino desde cedo começa a ver o pai como um oponente que detém a autoridade, que é o seu objeto de desejo. Essa rivalidade leva o menino a desejar eliminar o pai, sendo isso um desejo do inconsciente do menino, como Freud explicita no Complexo de Édipo², de acordo com o qual o menino quer o amor da mãe só para si³.

¹ Esse conceito refere-se a uma fase que está na formação da criança, em que existe o desejo que a filha nutre pelo próprio pai. Foi baseado no mito grego de Eurípedes, que conta a história de Electra, que para vingar a morte de seu pai, após a traição da mãe, a filha convence o irmão a matar a mãe e o amante.

² Este conceito refere-se a uma fase no desenvolvimento infantil em que existe uma “disputa” entre o menino e o pai pelo amor da mãe. E foi baseado no mito grego de Sófocles, que conta a história de Laio e Jocasta que tiveram um filho, Édipo, que mata o pai para ficar com a mãe, sem ter conhecimento do que faz, terminando com o suicídio de Jocasta e a automutilação de Édipo.

³ Vale notar que o conceito atual de família é diferente do que se tinha em décadas passadas, mesmo que ainda continue sendo a família a base da formação do caráter do ser humano e onde se aprende sobre a vida. Nesses novos modelos familiares, o que os une não são apenas os laços sanguíneos mas o afeto e o cuidado que independe de parentesco. Tendo em vista que histórica e culturalmente foi dada à mulher a função de cuidar dos filhos, hoje em dia observa-se que o homem tem um papel mais ativo na criação dos filhos, ou seja, está havendo uma redefinição dos papéis e de responsabilidades para os integrantes da família.

Uma grande contribuição dessa hierarquia masculina é dada pelo fato de que a menina, cultural e historicamente, cresceu imaginando essa ascensão da figura do homem através da literatura com os contos de fadas onde as princesas são sempre belas e preocupadas com a aparência, estão sempre bem vestidas e demonstram passividade por estarem sempre à espera do príncipe que as salvará de todo mal, das canções onde se exalta a imagem do homem como um herói, de lendas. A cultura sempre exalta a imagem masculina e deixa a mulher à sombra dessa imagem. Nas manifestações artísticas tradicionais, a mulher, para ser feliz e para conquistar o amor, precisa acima de tudo ter beleza, assim aumentando o desejo e a necessidade de ter uma boa aparência física para agradar.

Na religião a situação da mulher não é muito diferente, como pode ser observado no cristianismo, através de personagens bíblicos como Eva, que foi criada da costela de Adão, para que suprisse a necessidade de uma companhia para Adão, e no momento em que teve “atitude” foi condenada por ter destruído o paraíso, assim passando a imagem de que a mulher, para estar “certa”, não pode se sobressair ao homem, tem que estar sempre submissa e agir de acordo com as vontades dele. Também pode ser notado que as “autoridades” religiosas são sempre figuras masculinas, que ditam o que deve ser seguido, principalmente, no que diz respeito ao comportamento e atitudes da mulher.

A partir daí a menina, ao modo que vai crescendo, vai sentindo uma certa necessidade de se submeter às várias regras impostas pela sociedade para agradar ao sexo masculino.

1.2 A adolescência

Nesta fase da vida a menina, que está tornando-se mulher, sente mais necessidade ainda de agradar ao homem, preparando-se para ser “notada” pela sociedade, ou seja, cumprir com um de seus deveres principais, que é o casamento, pois assim conseguirá obter dignidade social. Para fazer um bom casamento a moça tem que ficar em casa sob os cuidados da mãe, manter sua imagem de obediência e submissão. E assim tem que abdicar de suas vontades para agradar ao homem, tendo um papel passivo no modo de se relacionar com a sociedade em si:

Ser feminina é não somente mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua

espontaneidade e substituir, a esta, a graça e o encanto estudados que lhe ensinam as mais velhas (BEAUVOIR, 1967, p. 73).

A adolescência é uma fase difícil para a mulher, pois é condicionada pela sociedade a manter as aparências e seguir regras impostas pela mesma e deixa sua liberdade da infância. Nessa fase a adolescente vê que seu futuro depende do homem, deve renegar-se e encontrar um guia, alguém a quem seguir para justificar sua existência. Com toda essa imposição social, a mulher tem como obrigação abrir mão de sua liberdade quando encontra um marido, deve viver para ele e para o lar⁴.

Normalmente nessa fase a mulher inicia sua vida sexual, que, como em todas as outras fases, tem um papel de submissão ao homem. A mulher desde os primórdios tem que cuidar de sua honra, que é o seu “valor” para ser uma mulher de verdade, o fato de perder a virgindade antes do casamento parece um desastre⁵, por ter uma criação severa em meio a muitos mitos, considera a “cama” como um serviço a ser cumprido, onde não deve demonstrar sentimentos e nem desejos e tem que apenas satisfazer as vontades do marido.

É na puberdade que a mulher sofre com alterações, principalmente físicas, quando ocorre a menstruação surgem alguns desconfortos em seu corpo: seios doloridos, dores no ventre e também algumas mudanças no psicológico, como variação de humor, irritabilidade frequente. Isso faz com que a mulher sinta que tem uma menor resistência física que o homem, passe a demonstrar mais fragilidade. A mulher passa a ficar “refém” do seu corpo. Ainda que o utilize como arma para conquistar todos ao redor, ou seja, ter todas as atenções voltadas para si, algumas vezes sente os desconfortos típicos da adolescência.

A mulher utiliza o corpo para obter um “poder” sobre o homem, através de sua aparência ela se torna o objeto de desejo masculino e acredita que com seu físico poderá manipulá-lo. Nessa fase a confusão de sentimentos na mulher, geralmente, é muito intensa, a faz querer ser desejada e ao mesmo tempo rejeita esse desejo alheio, pois sente, talvez inconscientemente, que é apenas um objeto de exibição do

⁴ A cobrança da sociedade pelo casamento em alguns lugares, atualmente, é algo que não acontece mais com tanta força e frequência, geralmente essa cobrança maior do casamento está mais arraigada em regiões menores, onde a influência tradicionalista se apresenta mais fortemente.

⁵ Apesar dos grandes avanços das conquistas femininas, há ainda hoje muitas restrições com relação à mulher perder a virgindade antes do casamento, em alguns lugares isso tem um peso enorme para a “moral” da mulher.

homem e não é valorizada como um ser autônomo, completo, ou seja, é definida pelo que aparenta e não pelo que é.

Na adolescência, a insegurança da jovem com suas “virtudes” é muitas vezes enorme, ela exalta sua beleza, sua imagem, seus atributos físicos com a intenção de seduzir e ser amada, desejada, para assim ter a segurança de suas “qualidades”.

A jovem sonha com um mundo de magia, onde a ela só bastará ser bela⁶ para conquistar tudo o que deseja, utilizar-se como objeto para ter o poder. Já para o jovem, seu mundo de sonhos é bem próximo à realidade, onde vive de ação, ou seja, é um ser ativo que busca o domínio através da força, da resistência. E assim, para a mulher, a beleza externa é algumas vezes sua única forma de obter um espaço na sociedade.

Geralmente essas confusões internas que ocorrem na vida da maioria das jovens se estendem até a fase adulta, quando a mulher vive com esses conflitos internos entre ser reconhecida só pela beleza ou pelo conteúdo. Usa todos os atributos para conquistar o que deseja e faz-se assim sujeito, mas também quer ser o objeto de desejo do homem.

1.3 A fase adulta

A partir do momento em que a mulher atinge a fase adulta, a sociedade traça o destino que é dado a ela: o casamento e a maternidade. Mesmo com algumas modificações sofridas com o passar do tempo e com os avanços das conquistas feministas, a condição da mulher no meio familiar ainda tem algumas restrições e a faz muitas vezes ser dependente da família. Vale destacar que, teoricamente, nos dias de hoje tanto o homem quanto a mulher tem os mesmos direitos e deveres na união.

Porém, para as feministas, ainda há muito que mudar na instituição casamento, pois a mesma reflete o passado – não tão distante –, onde o homem era considerado autônomo e produtor, já a mulher era considerada inferior, reprodutora

⁶Vale notar que toda sociedade em qualquer época tem, de algum modo, um ideal de beleza. O padrão de beleza feminino é bem marcado atualmente, inclusive com sua difusão pela mídia. Se, por um lado, algumas mulheres apresentam a beleza de acordo com o modelo estipulado pela sociedade e muitas vezes sentem um incômodo por não serem notadas pelo seu conteúdo, por outro lado, há a imensa maioria que não se “enquadra” no padrão vigente. Com isso, cada mulher reage a seu modo, mas se percebe que muitas sofrem e fazem de tudo para se adequar ao modelo, daí, por exemplo, muitas dietas “loucas” e um excesso de cirurgias plásticas.

e dependente do homem, tanto que para a sociedade era aceitável que a mulher casasse com um homem escolhido pelo pai ou irmão. A jovem não tinha liberdade de escolher o seu destino, tendo como únicas opções de escolha o celibato ou o casamento, sendo que este último lhe foi mostrado pela sociedade como única justificação social, ou seja, como um papel importante que representa na sociedade, restringindo-a como mãe, esposa e dona de casa:

para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficam solteiras, tornam-se socialmente resíduos (BEAUVOIR, 1967, p. 167).

E assim se torna, para a mulher, o único meio de se integrar à sociedade, pois se ficasse solteira não teria “utilidade” e seria excluída da mesma. O papel da mulher resume-se em perpetuar a espécie e cuidar do lar, ou seja, viver em função do marido escolhido e da família.

Outro encargo estabelecido à mulher é a noite de núpcias, momento em que terá seu destino consumado, ou seja, para a mulher “virgem” esse é um momento de obrigação, a submissão ao homem leva à mulher a frieza e a não conhecer o prazer, pois em determinadas épocas seria uma vergonha a mulher demonstrar prazer e/ou desejo por ter relações sexuais com o marido.

O casamento fazia com que a mulher se “anulasse” ainda mais para que o homem pudesse progredir e destacar-se. Sendo assim, ela tinha apenas a função de cuidar do lar e do bem estar da família que estava formando, justificando sua função social sem tirá-la da submissão ao homem. Ter um casamento feliz, cuidar do marido e da família é para a mulher uma obrigação que a família e a sociedade esperam dela. Obter a imagem de mulher dedicada, mãe admirável é a moral valorizada, e sem ter nenhum mérito reconhecido pelo marido, pois pela imposição estabelecida pela sociedade, não é mais que a obrigação da mulher. O grande drama da mulher no casamento é ter seu destino resumido a essa rotina de cuidar do lar e da família, pois lhe foi ensinado isso desde sua infância.

Para muitas mulheres, parece que a sua real alegria e justificação da existência é quando se tornam mães, se como esposa ela está à margem e submissa como mãe ela ganha autonomia e torna-se um ser completo, e assim entende o sentido do casamento em sua vida.

Durante a fase da maternidade a mulher concretiza seu destino natural, que é o de perpetuar a espécie. Desde a infância a mulher é condicionada a ver como único futuro casar e ter filhos, ou seja, servir à família que está se formando. Ao passo que se torna mãe, a mulher vê justificada sua existência e concretizado o seu destino.

Nas diferentes fases da juventude da mulher, a mesma passa por diversos momentos com relação à maternidade. Quando criança vê na boneca o filho que terá futuramente, onde tem uma relação de domínio, já quando entra na adolescência a mulher tende a ver na maternidade uma ameaça a sua aparência física e sua integridade.

Ao se tornar mãe ela se vê no lugar de sua progenitora, quem a ajuda nessa nova fase. O modo como trata a maternidade tende a ser o reflexo da relação que tem com o pai da criança, ou seja, se a mulher vive um bom matrimônio acolherá sua gestação com alegria e dedicação. Considera também que o filho é o elo para um casamento perfeito, a mãe apegar-se ao filho, pois vê nele sua justificação de existência. É também a imagem de reconhecimento como parte da sociedade. Momento que a mulher não tem preocupação com o externo, onde tem o respeito e valor para sociedade, mas sem deixar de ser dependente do homem.

Com a maternidade a mulher sente-se necessária e útil, e através dos filhos compensa todas suas frustrações. É-lhe dada grande parte da responsabilidade de educar os filhos, de acordo com o permitido pela sociedade. Esta situação a deixa ainda mais encerrada no universo formado no lar, que denomina a mulher como dona de casa, esposa e mãe, com isso sua vida social é voltada para a família, ou seja, é através da família que a mulher tem espaço na sociedade.

A família é o elo que liga a mulher à sociedade. A mulher tem a função de mostrar para a sociedade, através de sua aparência, quão boa é sua vida familiar, ou seja, ela é tida como um reflexo do que vive no lar:

Cuidar de sua beleza, arranjar-se é uma espécie de trabalho que lhe permite apropriar-se de sua pessoa como se apropria do lar pelo trabalho caseiro; seu eu parece-lhe, então, escolhido e recriado por si mesma. Os costumes incitam-na a alienar-se assim em sua imagem. (BEAUVOIR, 1967, p. 296)

A mulher é tida como um objeto de ostentação, onde só é valorizada sua imagem, a sociedade faz com que a mulher seja dependente de sua aparência física

e utiliza como um dos meios para essa dependência a moda, onde a mulher tem que seguir o que é considerado certo. O modo de vestir mostra a situação social da mulher e o seu “valor”, assim à mulher não lhe é dada nenhuma importância e ainda vive à margem de tudo, não permite que se expresse e sim que apenas represente, sendo assim isolada em seu mundo interior.

Sendo sempre condicionada a cuidar de sua imagem, desde cedo foi mostrado, através dos costumes, que esse é seu destino. É através da mulher que o homem mostra para a sociedade seu padrão de vida e o meio a que pertence.

Na fase de amadurecimento a mulher perde seus “encantos”, que eram sua justificação de vida social e sua possibilidade de felicidade aos olhos da sociedade. Por muitas vezes a mulher não aceita que está envelhecendo, pelo fato de assim perder seu “valor” social. O espaço que ganhou na sociedade por intermédio do homem, já não o tem, com o passar do tempo, a mulher vê a sua vida, mas não do mesmo modo de quando era jovem que sonhava com um futuro, e sim pensando em como poderia ter sido o passado.

Sempre reprimida por suas obrigações, a mulher deixa de lado seu sonho de liberdade, quando está na velhice sente necessidade de recomeçar a vida, de mudar o que foi o seu passado, de se valorizar. Mas tem o peso da tradição que a impede, pois em grande parte de sua vida aguentou, resignada na obediência ao homem, seu destino.

Quando passa a aceitar a maturidade, a mulher percebe que encontrou outro espaço diante da sociedade:

É em seu outono, em seu inverno, que a mulher se liberta de suas cadeias; invoca o pretexto da idade para obviar as tarefas que lhe pesam; conhece demasiado o marido para se deixar ainda intimidar por êle, evita-lhe os amplexos, ao seu lado na amizade, na indiferença ou na hostilidade, constrói uma vida própria. (...) Pode também permitir-se enfrentar a moda, a opinião; furta-se às obrigações mundanas, aos regimes e às preocupações com a beleza. (BEAUVOIR, 1967, p. 351)

Nessa fase da vida a mulher não se sente mais na obrigação de agradar aos outros, usa a idade como arma para não fazer tudo que lhe é imposto, como seguir todos os rituais de beleza, servir à família. Ganha a liberdade de todas as regras impostas pela sociedade, porém percebe que não tem mais o que fazer com essa liberdade, ou seja, quando não tem mais que servir aos seus, é o momento em que perde a eficiência. Desde sempre a mulher foi ensinada a servir e quando chega à

velhice ninguém mais precisa da servidão dela, os filhos crescem e saem do lar, a sociedade não mais lhe cobra nada.

E assim percebe-se que a mulher em nenhuma fase de sua vida conseguiu ser independente e útil ao mesmo tempo. Isso acontece devido ao fato de que a mulher sempre esteve subordinada ao homem, marcada por essa situação só teve como opção obedecer e respeitar essa autoridade masculina.

É triste perceber que muitas vezes parece que a mulher não tem opinião formada e geralmente aceita o que é com resignação, e assim assegura uma vida de repetição e monotonia. Mostra uma imagem de futilidade, só dá importância a seu mundo isolado, onde tem como preocupação sua vestimenta, sua aparência, sempre conduzida à dependência ao homem.

Segundo Beauvoir (1967, p. 375), a mulher “(...) durante toda a vida apenas suportou, através de constantes recriminações, os amplexos conjugais, as maternidades, a solidão, o modo de vida que seu marido lhe impunha; (...)”. Esta acomodação passiva – que influencia no seu caráter – é usada para obter certos confortos e prestígios sociais. Porém dessa forma a mulher não conseguirá sua libertação, não pode aceitar os limites impostos nem se resignar ao destino traçado pela sociedade dominada pelos homens.

Tem como único caminho para a liberdade o trabalho, que diminui a distância entre homem e mulher, mas se conserva ainda a forma da estrutura social que o homem instalou, e para ela ganhar espaço socialmente tem que agradar ao homem. Mesmo conquistando a liberdade através do trabalho, a mulher ainda não é considerada um ser autônomo, tem que renunciar a seus desejos como sujeito para que tenha aceita sua feminilidade. Essa feminilidade é a definição dada à mulher por sua aparência, costumes e modas, ou seja, a mulher só é considerada mulher se tiver como objetivo de vida cuidar da sua imagem perante à sociedade. Sendo assim, a mulher para obter sua liberdade tem que deixar de lado a passividade, a qual lhe foi imposta desde sempre. Ao ser vista pela sociedade a mulher é julgada através de sua aparência, sua vestimenta a define.

Porém, apesar de tudo, os homens começaram a “aceitar” essa nova realidade da mulher que busca independência. Hoje muitas mulheres trabalham, não perdem sua feminilidade e continuam sendo consideradas atraentes, esse já é um certo progresso, mas a mulher tem dificuldade em manter as relações com o homem com esta nova condição. Essa dificuldade é uma forma de mostrar que a mulher que

almeja sua independência, escolheu lutar e não aceitar passivamente o destino que escolhiam para ela. As diferenças e dificuldades que encontra no mundo masculino são trazidas pela tradição da sociedade.

Essa independência feminina divide a mulher ainda hoje entre o destino que busca através da profissão e o destino imposto desde sempre pela sociedade através da feminilidade exigida, é um dos obstáculos para encontrar sua liberdade, vivendo assim em desequilíbrio entre o que busca e o que é.

Mesmo já tendo menos dificuldades hoje, a mulher ainda não é totalmente segura quanto a sua situação social, ainda se sente ligada à tradição que exige dela a feminilidade. Devido às restrições que teve em sua história, às pressões e a todos os costumes que a rodeiam, ela ainda não se sente totalmente responsável pelo seu destino.

Porém, vale destacar que houve várias mulheres que coletivamente reivindicaram e lutaram para conseguir essa liberdade durante toda a história da humanidade, uniram forças e ideais para buscar seus objetivos, como pode ser observado, através de um breve relato, no capítulo seguinte.

2 BREVE RELATO SOBRE A EVOLUÇÃO DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS NO MUNDO

Neste capítulo serão mostrados fatos importantes sobre a evolução dos movimentos feministas no mundo, baseando-se, principalmente, na obra *Breve História do Feminismo*, de Carla Cristina Garcia e na obra *História das Mulheres*, de Joan Scott.

O feminismo é um movimento de reação das mulheres perante uma sociedade “dominada” pelos homens, em que aquelas buscam seus direitos e deveres para serem uma parte ativa e participante socialmente, ou seja, as mulheres se deram conta de que são uma peça importante na construção de uma sociedade mais justa. Esse movimento é uma forma de as mulheres mostrarem o quanto se conscientizaram sobre a “exclusão” que sofreram durante muitos momentos na história do mundo, desde coisas cotidianas até grandes feitos. Através do feminismo elas buscaram e buscam acabar com essa ideia de que a mulher é um ser secundário e sem espaço para exercer seus direitos e deveres na sociedade.

Os movimentos feministas, independente de época, sempre tiveram como principal objetivo acordar as mulheres para buscarem seu espaço e lutarem por seus direitos. As mulheres passaram a ter consciência das injustiças e discriminações sofridas e, com isso, a ter uma postura diante de todos esses fatos, não se deixando oprimir e enfrentando as situações da realidade na qual estão inseridas.

As feministas desenvolveram quatro conceitos-chave para terem em conta as realidades nas quais estão inseridas, em diversas situações de injustiça e desigualdade:

Para analisar, explicar e modificar essas realidades, a teoria feminista desenvolveu quatro conceitos-chave: androcentrismo, patriarcado, sexismo e gênero, intimamente relacionados e que servem como instrumentos de análise para examinar as sociedades atuais, detectar os mecanismos de exclusão, conhecer suas causas e propor soluções para modificar essa realidade. (GARCIA, 2011, p. 15).

Com o Androcentrismo o homem é visto como o centro e a referência de tudo o que acontece na humanidade. Com o Patriarcado o homem exerce um domínio e controle sobre as mulheres, ou seja, elas estão totalmente submissas aos desejos e vontades dos homens, as feministas se deram conta de que isso não era um

problema individual, e sim comum a todas as mulheres. Com o Sexismo há uma maior expressão de que os homens são superiores às mulheres, isso ocorre em muitas situações da vida tanto social quanto particular, essa é uma ideologia forte que defende a subordinação, dominação e inferioridade da mulher. E, por fim, com o conceito de Gênero, que é a rotulação de que as mulheres são inferiores por causa da biologia, ou seja, elas por natureza são seres subordinados aos homens. As feministas defendem que esse conceito de gênero foi uma construção cultural definida pelos homens como uma forma de mostrar que as mulheres são naturalmente inferiores.

2.1 A mulher na Europa (XIV-XVIII)

Os movimentos feministas vêm crescendo com o passar dos tempos. Na época do Renascimento as mulheres eram tidas como inferiores, tanto em suas funções sociais quanto intelectualmente. Não lhes era dado o direito de estudar, e com isso deu-se início ao longo debate chamado “Querelle de femmes”, que é visto como eixo principal do desenvolvimento do feminismo, onde as mulheres, que participaram desse movimento, eram familiares de humanistas e educadas pelos mesmos:

o culto renascentista ao gênio e à inteligência teve consequências para elas. A importância dada à educação gerou numerosos tratados pedagógicos e abriu o debate sobre a natureza e os deveres dos sexos. A esse intenso debate que durou muitos séculos dá-se o nome de *Querelle de femmes* (GARCIA, 2011, p.26).

Elas tomaram consciência de que a sociedade as excluía de qualquer participação. Esse período teve como representante principal Christine de Pizan, primeira mulher escritora profissional que, através desse ofício, sustentou seus três filhos após a morte de seu esposo.

Em 1405, Pizan escreve seu principal livro *A cidade das mulheres*, em que mostra sua posição em relação à maneira como a literatura tratava a mulher como inferior e, pelo fato de as mulheres não terem acesso à cultura e educação, reivindica, principalmente, o reconhecimento da mulher como um ser pensante. Esse foi um período em que as mulheres buscavam seu espaço, principalmente, no campo intelectual.

Durante o século XVII os movimentos feministas tiveram suas principais manifestações em alguns países da Europa, onde surgiram vários grupos e todos com um principal objetivo: o direito às mulheres terem acesso à cultura e educação. Na Inglaterra, sob a influência da Reforma Protestante, surgiram alguns grupos, como os *quackers*, que incluíram as mulheres como representantes principais em suas pregações e aceitavam que por meio delas o Espírito Santo se expressasse. Foi nesse movimento que as mulheres ganharam espaço para se expressarem publicamente e mostrarem, de certo modo, sua intelectualidade. Já na França, durante o Antigo Regime, houve importantes modificações sobre o papel social da mulher. Apareceram os salões franceses, que eram espaços públicos organizados por mulheres que fugiam da superficialidade do entretenimento e onde se discutiam ideias de caráter intelectual, e também contra o matrimônio. Tem como principal representante a Marquesa de Rambouillet, primeira professora de urbanidade na França, que contribuiu para modificar um pouco as atitudes masculinas com relação às mulheres, mudar um pouco o pensamento masculino de inferiorizar a mulher. Também se publicam vários livros como, por exemplo, *O grande dicionário das preciosas*, de Somaise, em 1661, e, por conseguinte o aparecimento de um grupo de literatas chamado **preciosas**, que defendiam a capacidade das mulheres para o pensamento crítico, e que lhes fosse dado o direito à educação. Elas criticavam a submissão feminina tanto no âmbito social, jurídico quanto no religioso. E, com isso, a grande contribuição dos salões no movimento feminista foram as reivindicações feministas que passaram de discussões privadas entre teólogos e moralistas para tema de discussões de opinião pública. Ainda nesse período o interesse das mulheres pela ciência foi aumentando cada vez mais, e com isso o Preciosismo foi perdendo sua influência, por ser um movimento em que as mulheres questionavam o papel masculino na sociedade, buscando a igualdade entre os sexos e questionando sobre a situação que lhes foi imposta pela sociedade, limitando-as como mãe, esposa, dona de casa, ou seja, a questão social como um todo. E em Veneza, surgiram os primeiros ideais mais radicais do feminismo, onde as mulheres tiveram um pouco mais de liberdade para discutir sobre seus papéis na sociedade e questionar sobre sua inferioridade imposta pelos homens, pois desde o Renascimento, em Veneza, foi dado às mulheres o acesso à cultura, e por meio desse acesso elas criaram novas ideias e puderam assim ter como discutirem as suas capacidades intelectuais e sua função na sociedade.

No período da Revolução Francesa no século XVIII, começava-se a defender os ideais de igualdade e cidadania, sendo que nessa época as mulheres ainda não podiam exercer seus direitos políticos e civis, entrando em contradição com a teoria de igualdade proposta. Époça em que as mulheres finalmente conseguiram “voz” para expressar as injustiças sofridas, em movimentos revolucionários. Alguns dos principais atos em favor das mulheres foram os escritos de Olympe de Gouges e o de Mary Wollstonecraft, *Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs* (1791) e *Reivindicação dos Direitos das Mulheres* (1793), respectivamente, que tiveram o intuito de conscientizar as mulheres sobre seus direitos na sociedade e que fossem reintegradas socialmente para exercerem sua cidadania. Porém ainda nessa época as mulheres sofreram uma grande derrota em sua batalha contra a desigualdade, pois lhes foi tirado o direito de expor publicamente seus ideais do movimento feminista, tendo como castigo para a mulher que desobedecesse: a guilhotina ou o exílio, com isso as feministas voltaram ao ponto de partida.

2.2 Feminismo do século XIX

Já no século XIX, o feminismo é considerado um movimento social, ganhou notoriedade internacional e conquistou autonomia. As mulheres ingressaram no cenário político devido à criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, pelos revolucionários franceses, e nessa época outros movimentos sociais também surgiram, devido à Revolução Industrial e ao capitalismo. Com isso houve uma grande expectativa em relação às mudanças e à evolução que poderia acontecer na humanidade, mas na realidade isso não ocorreu, pois para as mulheres ainda lhes eram negados seus direitos civis e políticos básicos. Essa foi a principal reivindicação dos movimentos feministas dessa época: a igualdade social. Também as mulheres lutaram pelos direitos humanos, além de seus objetivos específicos.

Durante a segunda metade do século XIX, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, com os processos de industrialização, as mulheres burguesas e proletárias focaram suas reivindicações para a participação feminina na política. Nos Estados Unidos, as mulheres se empenharam em lutar pela abolição da escravidão, e a partir daí tiveram consciência de sua condição na sociedade. As principais

representantes foram as irmãs Sarah e Angelina Grimké, filhas de proprietários de escravos, ativistas contra a escravidão e contra a situação da mulher na sociedade.

Diferentemente do que aconteceu na Europa, nos Estados Unidos o grupo feminista das *quackers* fundou sua colônia na Pensilvânia, em 1682, e contribuiu para que as mulheres aprendessem a ler e escrever, isso fez com que o índice de analfabetismo feminino nos EUA fosse menor que na Europa. Com isso o núcleo do feminismo norte-americano teve mulheres mais preparadas intelectualmente para terem uma base mais sólida nas suas reivindicações. No ano de 1840, em Londres, em um congresso antiescravista mundial, quatro mulheres norte-americanas foram enviadas ao evento e não foram aceitas pelos homens lá presentes, que as impediram de participar, e elas só puderam observar o congresso. E a partir daí aumenta, nos Estados Unidos, a conscientização das mulheres sobre seus direitos na sociedade e ganha força o movimento feminista. Nesse momento destacam-se duas delegadas que participaram do referido congresso, Lucretia Mott, que fundou a primeira sociedade feminina contra a escravidão, e Elizabeth Stanton, que era seguidora das ideias de Mott, que se destacou ainda mais por ter organizado o encontro que viria a ser a redação da Declaração de Seneca Falls, essa declaração era contra serem negados os direitos civis e jurídicos às mulheres. Esse movimento ficou conhecido como Movimento Sufragista, que tinha como um dos objetivos principais o direito ao voto e à educação, pois era uma forma de unir as mulheres tanto social quanto politicamente para lutarem por seus direitos, já que eram excluídas unicamente por serem mulheres, porém, apesar de todos os avanços ocorridos, ainda lhes era negado o direito ao voto.

No ano de 1866, o deputado John Stuart Mill escreveu o livro *A sujeição da mulher* e apresentou a primeira petição que favorecia o voto das mulheres no Parlamento Inglês, ele foi um dos mais importantes filósofos ingleses desse século e foi casado com a também filósofa Harriet Taylor, que o ajudou a escrever a obra acima citada. Mesmo não obtendo nenhum resultado com seus companheiros de congresso, a sua obra foi muito importante para o movimento e repercutiu em vários países, tendo como principal tese que as mulheres eram seres livres e tinham seus direitos na sociedade.

Nesse século houve uma divisão de interesses entre as feministas proletárias e burguesas. Sob influência do pensamento socialista e do sistema econômico capitalista, as burguesas reivindicavam seus direitos no âmbito privado, já as

proletárias reivindicavam sobre os seus direitos trabalhistas. Há no socialismo diferenças de interesses nas reivindicações, o socialismo utópico foi o primeiro em abordar a questão da mulher, no âmbito econômico e social. Defendia a ideia de que as mulheres fossem independentes economicamente, mas não questionava o fato da desigualdade sexual no trabalho. Apesar disso, houve um grande impacto social com esse questionamento da submissão feminina. Em 1818, Anne Wheeler estreitou relações entre o grupo francês Saint Simon e os ingleses, que iniciaram o movimento do socialismo utópico, e escreveu a obra *Chamamento de ajuda às mulheres* em 1825. Sendo assim, uma das primeiras contribuições do movimento feminista e do socialismo utópico foi a reivindicação da transformação da instituição familiar, pois se considerava o matrimônio como instituição repressora, causando assim injustiça contra as mulheres.

A escritora Flora Tristán, filha de um coronel espanhol e de uma francesa, foi uma das precursoras na luta da classe operária e uma das principais personalidades femininas desse século. Após a morte de seu pai, Flora Tristán é obrigada, pela mãe, a casar-se com seu patrão André Chazal, tendo um relacionamento cheio de agressões, e teve três filhos. No ano de 1838, conseguiu a separação de bens judicialmente e logo depois a separação judicial de corpos, foi baleada pelo ex-marido, que acabou sendo condenado a 20 anos de trabalhos obrigatórios. E assim concretizou uma separação que vinha desde 1825, tendo em conta que nesse período a lei francesa não autorizava o divórcio. Em 1835, escreveu e publicou um folheto em prol da mulher *Nécessité de faire un bon accueil aux femmes étrangères* (Necessidade de dar uma boa acolhida às mulheres estrangeiras), quando voltou para a França e conheceu um dos principais socialistas utópicos, Fourier, quem criou o conceito de que com a emancipação da mulher há a evolução de toda sociedade, que foi seguido por Marx e Engels. No ano de 1837, publica uma reportagem *Lettres à un architecte anglais* (Cartas a um arquiteto inglês), que fala sobre a vida na cidade de Londres, e conhece um outro importante socialista utópico, o inglês Robert Owen. Nesse mesmo ano Flora envia um texto a parlamentares liberais *Petição para o restabelecimento do divórcio*, com base em sua própria experiência matrimonial. Publicou em 1838, um dos seus livros mais importantes *Pérégrinations d'une paria* (Peregrinações de um pária) e, após o atentado causado pelo ex-marido, ela escreve mais um texto e envia aos parlamentares a *Petição que tende à abolição da pena de morte*. Também em 1838

foi publicada sua obra mais conhecida *Méphis*, um romance, que procura mostrar as preocupações sociais, característica do Romantismo. Confirma sua fama em 1840 quando escreve *Promenades dans Londres* (Passeios por Londres). Em uma viagem à Inglaterra ela conhece vários líderes do movimento cartista e consegue assistir a uma sessão parlamentar britânica disfarçada de homem, por ser proibida a entrada de mulheres na mesma. Flora Tristán tem como foco em seus escritos a mudança social a partir da visão da classe operária, principalmente da mulher operária, com ideias baseadas, principalmente, na necessidade de união entre os grupos operários, na inserção das mulheres na política e na união de homens e mulheres para a construção da família.

Em meados do século XIX o socialismo sofreu influências do marxismo, que teve como teoria da “questão feminina” a história da origem da opressão feminina como consequência econômica, que consistia na exclusão das mulheres do trabalho proletariado. Mas alguns socialistas não estavam de acordo com essa teoria de igualdade da mulher. August Bebel foi um estimulador da igualdade de direitos das mulheres e homens, porém defendia que as mulheres fizessem tarefas de acordo com suas capacidades, que por sua vez seriam distintas das tarefas dos homens. Havia também divergências entre as mulheres que vieram à tona com o socialismo, ocasionando a separação das mulheres entre classes sociais, isso provocou divisões no movimento feminista.

Já no final do século XIX, na Europa, houve um rompimento entre sufrágismo e socialismo. Apesar de ambos terem o mesmo interesse em possibilitar a revolução feminina, tinham modos diferentes de lidar com esse interesse. Para os marxistas era mais importante a revolução do proletariado do que das mulheres, para eles esta se daria como consequência da revolução do proletariado.

Nasceu em 1872 a feminista Alexandra Kollontai que, a partir do marxismo, teve ideias adiantadas para a sua época e que se aproximavam mais ao feminismo radical dos anos 70. Deixou o marido e o filho para lutar pelos seus ideais, entrou no partido socialdemocrata, que era ilegal naquela época, era escritora e propagandista, trabalhando a favor da classe operária e pela liberação feminina. Ela, em suas obras, colocou em destaque a igualdade sexual, sempre mostrando a relação com a revolução socialista. Foi ela que, quando era ministra no primeiro governo de Lênin, mostrou o rumo delicado que estava tomando o movimento

feminista na Rússia, pois havia sido decretada a igualdade dos sexos, porém não havia nenhuma medida sendo tomada contra a ideologia patriarcal.

Já com o anarquismo não houve tantos ideais como no socialismo sobre o problema da desigualdade sexual. Teve como um de seus principais representantes Proudhon, que defendeu ideias anti-igualitaristas, porém o movimento social teve a contribuição de mulheres na luta pela igualdade. Uma das principais ideias defendidas pelas anarquistas foi de que elas se libertariam da submissão imposta pelos homens com sua própria força e o esforço de cada uma individualmente. Com isso obtiveram grandes revoluções em suas vidas cotidianas e se autodenominaram “mulheres livres”, elas acreditavam que a liberdade era o fator principal para o bom relacionamento entre os sexos. Tem como principal representante Emma Goldmam, que defendia a importância de uma revolução própria feminina, lutando pela liberdade dos preconceitos da sociedade da época. Suas ideias se aproximavam bastante do movimento feminista da década de 70, pois analisava a condição de opressão em que as mulheres viviam.

2.3 Movimento feminista do século XX

Durante o período entreguerras (Primeira Guerra Mundial- Segunda Guerra Mundial) houve vários acontecimentos importantes, principalmente para os movimentos feministas, as mulheres conseguiram o direito de votar. Porém, como muitas das reivindicações feministas foram atendidas nessa época, as mulheres viviam em uma sociedade praticamente igualitária e isso acabou fazendo com que várias mulheres abandonassem os movimentos, por estarem satisfeitas com o já conquistado. As feministas não puderam competir com os partidos políticos. No início do século XX houve uma queda na taxa de natalidade, que se teve como maior fator a independência que as mulheres conseguiram, acusaram-nas de destruírem a base familiar e da nação. Nesse momento o feminismo foi denominado como acabado.

Porém, Simone de Beauvoir, com sua obra *O segundo sexo* (1949), reabriu as portas ao feminismo com suas bases teóricas. Apesar de não se considerar feminista e de não sentir que sofria discriminação por ser mulher, Simone de Beauvoir, que era filósofa e escritora, sentiu necessidade de escrever sobre ela mesma, com base no que outras mulheres na sua idade (40 anos) revelaram sentir

durante toda a vida. Com isso passou a refletir sobre o que é ser mulher, e a partir daí fez sua obra, que é um dos clássicos do feminismo no século XX, dividido em dois volumes *O segundo sexo*, por reavivar o feminismo depois da Segunda Guerra Mundial e por ser uma detalhada análise da realidade feminina até aquela época. Ela, diferentemente dos movimentos feministas que reivindicavam direitos, explicava e convencia. Porém houve rejeições dessa obra na França, mas traduziram-na para o inglês e as feministas norte-americanas a aceitaram muito bem. Logo depois sua obra foi traduzida em diversos idiomas e foram vendidos vários exemplares.

Como já visto no primeiro capítulo, Simone de Beauvoir expõe em sua obra a ideia de que a mulher vem sendo considerada desde os primórdios como a “outra” com relação ao homem, a posição feminina em virtude do mundo dominado pelos homens, chegando à conclusão de que a mulher está sempre à margem do homem, está em segundo plano, e que essa inferioridade feminina não se deu devido a algo natural e sim a algo criado culturalmente. Também trabalha a ideia de que a divisão por gênero foi algo construído socialmente e culturalmente. A sua obra é considerada o alicerce do movimento feminista dos anos 50, foi o livro mais lido pelas feministas da nova geração, que já tinham o direito à educação e ao voto.

Durante a Segunda Guerra as mulheres norte-americanas foram inseridas no mundo do trabalho, porém, quando a mesma acabou, elas retornaram às funções determinadas pelos homens, ou seja, à vida doméstica, pois com o fim da guerra os homens retornaram e retomaram o seu lugar. Betty Friedan, em sua obra *A mística feminina*, de 1963, analisou a situação das mulheres norte-americanas, que estavam insatisfeitas por voltarem a ter a vida resumida a serem mães e esposas, dando importância em mostrar a opressão que as mulheres vinham sofrendo e a insatisfação das mesmas. Essa obra foi um marco em uma nova conscientização feminista.

Em 1966 Betty Friedan fundou a Organização Nacional para as Mulheres (NOW), que foi o marco para o feminismo liberal dos Estados Unidos, onde defendia que as mulheres tinham o direito pela igualdade entre os sexos. Tendo como principal problema a exclusão feminina da participação ativa na sociedade, reivindica a inclusão das mesmas.

Com o feminismo radical, houve uma importante decisão política no movimento. Com a intenção de separar-se dos homens, criou-se o Movimento de Liberação da Mulher, que teve como interesse principal a sexualidade e a

transformação do espaço privado. Foram as radicais que analisaram as relações de poder da família e da sexualidade.

Além de revolucionar a teoria política e feminista, as radicais fizeram três contribuições: os grandes protestos públicos, o desenvolvimento de grupos de autoconsciência e a criação de centros alternativos de ajuda e autoajuda (GARCIA, 2011, p.88).

Reivindicando os direitos das mulheres em manifestações e marchas, com o intuito de sensibilizar a população e acabar com a imagem tradicional de modelo feminino que as mulheres deviam seguir, alertaram sobre seus direitos sexuais.

O feminismo radical ganhou força em todo o mundo, entre todas as manifestações, ganhou destaque o “Manifesto das 343 Salopes” na França em 1971, no qual as mulheres declararam abertamente que abortavam. Com isso houve um grande impacto na opinião pública. E, por conseguinte, essas mobilizações fizeram com que os grupos tivessem autoconsciência e isso foi uma das grandes contribuições das feministas radicais para o movimento feminista. Começaram essa prática no New York Radical Women, em 1967, que tinha como objetivo que cada mulher integrante do grupo explicasse a opressão que sofria, tendo como intuito despertar a consciência feminina. Uma das principais características do grupo das radicais era o igualitarismo, ou seja, defendia que nenhuma mulher é melhor que a outra. Com isso houve muitos problemas, um deles foi a aceitação de novas militantes, que pela igualdade podiam questionar as bases dos manifestos feministas e isso trouxe várias discussões entre as integrantes dos grupos. Uma das causas para o declínio do feminismo radical foi a rejeição da diversidade feminina. Durante os anos 70 esses desgastes internos dividiram o grupo das radicais entre as políticas e as feministas. Para as políticas, as mulheres sofriam por consequência do capitalismo ou do sistema, e eram consideradas mais um movimento de esquerda. Já as feministas reivindicavam contra a situação de subordinadas da esquerda. Esses grandes debates e discussões, que questionavam quem era o principal inimigo dos grupos feministas, desenvolveram o movimento feminista radical nos anos 70, não só nos Estados Unidos, mas também em toda a Europa.

Desde 1975 o feminismo foi crescendo de diferentes formas e singularmente em cada lugar do mundo, devido às necessidades e características. Depois de todos

os movimentos sociais, políticos e reivindicações feministas da década de 70, ou seja, de sua ascensão, nos anos 80 o feminismo teve um momento mais discreto e/ou conservador, em que elas tiveram novas formas de organização política e mais destaque de seus problemas no âmbito público. O feminismo não desapareceu, e sim sofreu grandes transformações, foi influenciado pelos êxitos obtidos e com consciência de que ainda há o que fazer, foi um movimento centrado na diversidade feminina, tendo como características as críticas à rigidez com que era tratada a categoria mulher.

A grande força do feminismo era por ser uma luta legítima por justiça e por politizar todas suas reivindicações. As mulheres passaram a reconhecer os avanços alcançados e a superar o vitimismo, porém sem esquecer que ainda há muito o que enfrentar pelo motivo de que a igualdade entre homens e mulheres ainda não foi conseguida. Mesmo depois de todo o movimento dos anos 70, nos anos 80 ainda tinha como principal reivindicação feminina a liberdade para que as mulheres pudessem definir por si próprias sua identidade, sem precisar do homem para que as defina, culturalmente. Esse é o eixo que norteia todas as correntes feministas. Mas ainda assim há várias diferenças nos movimentos feministas da contemporaneidade.

No feminismo da diferença é reivindicada a liberação da mulher para que a mesma encontre sua identidade, está centrado principalmente na diferença sexual, e defende-se a igualdade entre homens e mulheres. Como feminismo cultural, tem-se o objetivo de conquistar a autonomia cultural se baseando na resistência e na diferença. Já o feminismo essencialista repudia o masculino, exaltando o feminino, com o pensamento de viver em um mundo de mulheres. O feminismo institucional vê a mudança da situação feminina como um processo lento e muito difícil, por ser um movimento coletivo, radical que se desenvolveu à parte do poder exercido pelos homens, apesar de todas as conquistas as mulheres ainda têm o sentimento de desigualdade.

A partir da década de 70 os grupos feministas lutaram e reivindicaram pela emancipação feminina até o século XXI, quando parece terem conseguido a liberdade que tanto almejavam. Nos dias atuais se tem em conta que os direitos que as mulheres tanto reivindicavam desde os séculos passados não eram só direitos para as mulheres e sim direitos humanos, pois a liberdade de expressão, de decisão é algo a que todos têm direito. Com o passar dos tempos foram sendo criados novos

modelos de relações pessoais e/ou públicas e isso fez com que houvesse essa transformação e desenvolvimento do espaço que a mulher vem buscando.

A partir de tudo o que foi dito, serão analisados nos próximos capítulos, retratados através das tiras de Quino (60/70) e de Maitena (99/00), a função da mulher na sociedade - culturalmente falando - as mudanças e avanços conquistados pelas mulheres durante a história do feminismo, no âmbito privado e no público, enfim, como a sociedade vê a mulher hoje e como ela mesma se vê.

3 A MULHER NO ÂMBITO PRIVADO

Neste capítulo abordaremos, através das tiras de Quino e Maitena, a função dada à mulher, pela cultura da sociedade, no seio familiar, ou seja, a mulher como mãe, dona de casa e esposa. E o dividimos em duas partes. Na primeira, serão analisadas algumas tiras, que selecionamos, de *Mafalda*, com as temáticas: mãe, dona de casa e esposa, respectivamente, onde nos basearemos de acordo com os primeiros capítulos deste trabalho. Na segunda parte, serão as tiras de *Mujeres Alteradas* a serem analisadas, selecionadas de acordo com as mesmas temáticas das tiras de *Mafalda*.

3.1 A Mulher em *Mafalda*

Mafalda é uma personagem contestadora que tem ideais à frente de sua época (60/70)⁷, é uma menina preocupada com os problemas da sociedade e não concorda que o papel da mulher na sociedade seja somente cuidar da família, ou melhor, que a mulher não tenha um papel ativo direto na sociedade. Essa personagem convive com a mãe, a qual considera submissa, e tem como amiga Susanita, que sonha e objetiva servir a família, ser mãe, cuidar do lar e do esposo. Mafalda discorda das posturas de sua mãe e sua amiga diante da sociedade, critica o “comodismo” com o qual vivem (ou querem viver), o que pode ser observado nas tiras a seguir:



Figura 1

⁷ Vale ressaltar que nas décadas 60/70 os movimentos feministas foram muito intensos, pode-se dizer que essas décadas foram o auge desses movimentos. Os pensamentos e posicionamentos de Mafalda refletem algumas características do feminismo, como a luta por justiça e igualdade das mulheres nos valores da sociedade.



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Nas figuras acima, nota-se, através da personagem Susanita, como a mulher desde a sua infância tem em sua criação um único objetivo de vida imposto pela sociedade, que restringe a mulher a uma função: ser mãe. É importante ressaltar que, apesar de ser criança, a personagem, já influenciada pela sociedade, vê isso como única escolha que lhe é oferecida. Como foi mostrado no primeiro capítulo deste trabalho, a menina em sua criação tem o “destino” traçado, e acaba tendendo a aceitá-lo passivamente.

O que também é importante ressaltar é que Susanita sempre fala em ter um “hijito” e não uma “hijita”, assim podendo ver mais um aspecto mostrado no primeiro

capítulo, pois a mulher, ao pensar (viver) a maternidade, se vê cuidando de um filho “homem”, o qual não terá o mesmo destino que o seu, como na figura 2 em que Susanita planeja o destino do filho, onde o imagina como médico, e que obterá o “status” de “madre del doctor” e causará inveja nas pessoas, ela busca o reconhecimento da sociedade através do filho, ou seja, se o filho for bem sucedido na vida, a mulher, no caso a mãe, teve o seu papel bem desempenhado, fez a sua “parte” e assim terá o reconhecimento de todos ao seu redor. Isso acontece, geralmente, por a menina desde sempre presenciar a superioridade masculina, principalmente no meio familiar, como por exemplo, como a família sente orgulho de “mostrar” o filho a todos. E assim, à medida que a menina cresce, ela tem mais restrito o espaço para mostrar suas “qualidades” à sociedade e vê como uma forma mais fácil de mostrá-las através do filho (o menino).

Como pode ser visto, a partir das brincadeiras de bonecas, que são cuidadas como filhas, da ajuda dada a mãe para cuidar dos irmãos, de certo modo, o instinto materno se aflora desde cedo, como é o caso de Susanita, na figura 3, que expressa todo o seu amor maternal em seu boneco. Também pode ser notado que, para Susanita, o status e a “imagem” são o que importam para a mulher ser reconhecida pela sociedade, assim passando a imagem de que a mulher é apenas um ser aparente, sem autonomia. Tendo em conta que para a época da escrita das tiras (60/70) a (falta de) atitude de Susanita é “comum” para as mulheres de determinadas regiões, também vale destacar que era um hábito comum entre as mulheres de classe alta jogar cartas, isso era sinônimo de que a mulher tinha uma boa vida econômica e mostrava seu status para a sociedade.

Na figura 4, Susanita só dá importância à “imagem”, e a tem como um dos poucos meios de “sucesso” da mulher na vida social. Isso demonstra o quão é enraizada a concepção de que a mulher só é notada, pelos outros, através da (boa) aparência.

Com relação ao posicionamento de Mafalda, podemos notar nas figuras 1 e 2 que ela apenas discorda do modo como Susanita vê a vida, mas não se manifesta verbalmente a respeito dos pontos de vista expressados pela amiga. Já nas figuras 3 e 4, Mafalda discorda de Susanita e se posiciona acerca do assunto. Na figura 3 pode ser observado que Mafalda tem uma concepção do papel da mulher na sociedade, bem diferente que a de Susanita, para ela, além de ser mãe, a mulher tem que contribuir, de forma mais ativa, para o progresso da humanidade. E a (falta

de) atitude de Susanita é o que mais incomoda Mafalda, principalmente pelo comodismo em que a amiga vive. Como pode ser visto na figura 4, Mafalda (que representa a figura da mulher que busca modificar a situação de aceitação passiva de um destino criado culturalmente pela sociedade) sempre busca mostrar à sua amiga que a mulher pode ser mais do que apenas “madre y ama de casa”, que os tempos estão mudando e a mulher “começa” a ganhar espaço na sociedade e a perceber que pode ir além das limitações impostas por essa sociedade “machista”.

Tendo em conta que Mafalda é filha de uma dona de casa da classe média, pode-se observar que apesar de, geralmente, as filhas se espelharem na mãe como exemplo a ser seguido, como foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, Mafalda é um exemplo totalmente inverso a essa realidade “comum” de os filhos se espelharem nos pais para seguir os seus passos.

Pode ser destacado também que essa atitude de Mafalda é um exemplo de que na sociedade existem pais aos quais os filhos têm como “espelho”, tanto como exemplos a serem seguidos ou como exemplos do que os filhos não queiram para si futuramente, ou seja, os pais influenciam, positiva ou negativamente, no modo como os filhos serão na fase adulta. Nas tiras a seguir pode ser observado através de Mafalda o modo como ela vê a mãe e não a tem como pessoa a se espelhar:



Figura 5

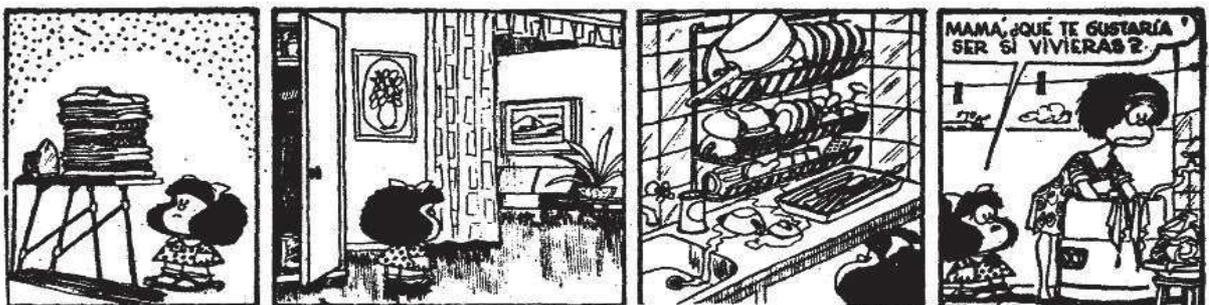


Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9

Pode ser percebido nas figuras 5 e 6 o quanto é inquietante para Mafalda a situação em que algumas mulheres se encontram em uma condição passiva de aceitarem o seu destino. Pode ser observada na figura 5 uma reflexão de Mafalda sobre a situação da mulher. Ela critica a submissão feminina, fazendo uma comparação e dizendo que, ao invés de ter um “papel”, a mulher teve um “trapo” na história da humanidade, ou seja, a mulher esteve à margem nas conquistas da humanidade e “aceitou” isso sem se opor. Na figura 6, Mafalda vê essa situação em sua própria casa, através da imagem da sua mãe e a questiona a respeito de sua situação, insinuando que a mãe não tem uma vida própria. E na figura 7, ela busca,

de algum modo, fazer com que sua mãe mude a situação em que se encontra, ou seja, o estado de comodismo em que vive, ela presenteia a mãe (no dia das mães) com um livro, e vale ressaltar que não é um livro qualquer, e sim uma obra clássica da literatura espanhola, “Platero y yo” de Juan Ramón Jiménez (1898), pode-se dizer que Mafalda através desse presente tenta fazer com que a mãe amplie sua visão de mundo e busque formas de se realizar como pessoa e não fique apenas fechada num mundo em que tem como papel servir aos outros, no caso à família. Também tendo em conta que, geralmente, no dia das mães os filhos as presenteiam com utensílios domésticos, e pode-se assim ver que a mulher é “lembrada” apenas como peça importante na organização do lar e que cuida do bem estar da família, o presente de Mafalda representa a forma que ela encontra para poder incentivar a mudança da “imagem” de mãe, como é vista comumente pela sociedade.

Na figura 8 Susanita se mostra incomodada com as sugestões de Mafalda com relação a seu futuro. Esse é um grande exemplo das divisões de papéis entre homem e mulher impostos pela sociedade dos anos 60/70. Vale dizer que ainda existem até hoje alguns traços desses papéis, que para a mulher ser “mulher” tem que servir à família, sem buscar adquirir conhecimentos e liberdade para ascender na vida, que eram coisas consideradas exclusivamente masculinas. É importante ressaltar que esse “pensamento” de Susanita a respeito da divisão dos papéis entre homens e mulheres vai totalmente contra o que defendiam as feministas, como foi visto no segundo capítulo deste trabalho. Ela faz uma crítica diretamente relacionada a essas mulheres, quando diz que são “afeminadas que trabajan en cosas de hombres”. Mesmo Susanita sendo uma criança, representa uma parcela de mulheres que tem esse mesmo pensamento, com relação às mulheres que lutam e/ou lutaram pela “liberdade” feminina, ressaltando que as crianças são o resultado do que vivenciam, principalmente no ambiente familiar, ou seja, elas têm atitudes que reproduzem o meio em que vivem.

E na figura 9, pode ser notado que Susanita, além de ter uma visão limitada de seu futuro, ainda carrega alguns preconceitos com relação à situação da mulher. No caso dessa figura ela não concorda que a mulher seja considerada como inferior por ter que cuidar dos afazeres domésticos, pois isso é algo “natural” para as mulheres, como ela mesma nomeia de “mujerez”, sendo que se a mulher tiver uma boa condição econômica (um status social) para ter uma empregada doméstica, isso não seria algo “errado”, para Susanita a “mujerez” é definida como as funções dadas

à mulher, tem que saber cuidar do lar (mesmo que não o faça), independente de classe social e condição econômica. Nas figuras a seguir podem ser notadas através de Susanita outras situações em que ela tem um mesmo posicionamento acerca do “papel” feminino, ainda que nos mostre alguns dilemas que vivencia internamente:



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13

Na figura 10, percebe-se que a influência da sociedade sobre a criação da menina é enorme desde sua infância, como se pode ver, Susanita tem como objetivo casar-se e ser feliz com o homem amado, assim podemos nos remeter ao primeiro capítulo deste trabalho, onde vimos que a menina, desde sua infância, fantasia com o casamento, que quando crescer vai casar de véu e grinalda, e assim viver feliz para sempre. Já nas figuras 11 e 12 pode ser percebido um pensamento mais diferenciado de Susanita sobre o seu destino, ou melhor, um conflito interno que ela vive inconscientemente talvez, e isso, como foi observado no primeiro capítulo deste trabalho, geralmente ocorre na fase da adolescência da menina, porém nesse caso já vem desde a infância. Susanita sabe o que tem que fazer a partir do que foi traçado no seu destino, mas no seu íntimo sente que para isso tem que deixar de lado seus sonhos, seu “desejo” de independência, sua vontade de ser reconhecida por sua singularidade. Na figura 11 Susanita se mostra contrária aos movimentos feministas que lutam pela liberdade da mulher e acredita que a coisa certa a se fazer é cuidar do bem estar do esposo, cozinhando, esfregando e lavando para ele, e que é totalmente errado se separar do marido, pois isso vai contra os “valores” conservados pela sociedade e que é responsabilidade da mulher ter que manter o casamento (que não deseja) para cuidar da sua imagem social, ou seja, manter as aparências de um bom matrimônio. Mas é interessante perceber que, de certo modo, a declaração final de Susanita mostra que o esposo “pagaria” pelas angústias sentidas pela esposa, pode-se dizer que a mulher age assim para sentir-se vingada pelo destino traçado social e culturalmente.

No primeiro capítulo deste trabalho, pôde ser observado que as meninas, a partir dos contos de fadas, teriam nos seus imaginários o estereótipo do príncipe encantado. Isso pode ser notado na figura 13, em que Susanita fica imaginando como será o “esposo” perfeito para ela e idealizando-o como um príncipe encantado

“alto, morocho y con ojos verdes”, que ninguém irá separá-los e que irão ser “felizes para sempre”. Também pode ser ressaltado, nesta figura, que Susanita não deseja que o “esposo” tenha mãe, pois, inconscientemente, a mulher busca ocupar todos os lugares na vida do esposo, e o homem, também inconscientemente, procura na esposa um pouco do reflexo da mãe⁸.

Em todas as figuras mostradas até aqui, pode-se observar, a partir da mãe de Mafalda, a imagem da mulher como parte passiva da sociedade, suas obrigações se resumem a cuidar do lar, da família e seguir o destino que lhe foi “dado”. E pode ser visto, através de Susanita, o desejo de seguir esse destino “traçado” pela sociedade, e vê-se que esse é o resultado da criação da menina baseada nos valores culturalmente involucrados pela sociedade tradicionalista e, pode-se dizer que também machista.

Na época em que a sociedade priorizava para a mulher ter filhos, cuidar do marido, do lar e ter uma boa aparência, a personagem Mafalda aparece sempre contestando esse lugar reservado à mulher, ela almeja conquistar um papel mais importante do que esses que lhe foram rotulados. Ressaltando que a mesma não busca apenas um papel mais “ativo” e/ou autônomo no meio familiar, mas também no âmbito público, através de seus posicionamentos críticos busca um espaço onde a mulher tenha a liberdade de se justificar como sujeito independente.

3.2 A perspectiva feminina em *Mujeres Alteradas*

As tiras *Mujeres Alteradas* de Maitena (90/00) mostram a evolução das pretensões femininas com o passar do tempo, caracterizando o que há de mais comum nos ideais das mulheres, considerando o que foi conseguido pelos movimentos feministas em cada época.

As personagens femininas dessas tiras representam de certo modo a situação da maioria das mulheres na atualidade, que lidam com alguns receios e preocupações com a sua justificação de vida, mesmo com as conquistas adquiridas durante a história que transformaram, em parte, o papel da mulher, como se pode ver nas tiras a seguir:

⁸Vale ressaltar, baseando-se na teoria de Freud, que o que se deseja na vida adulta reflete no que foi dado na infância, ou seja, nesse caso o homem busca, inconscientemente, na mulher todo o cuidado, a proteção, o amor que a mãe lhe dedicou quando criança.

¡Qué suerte que empiezan las clases...!

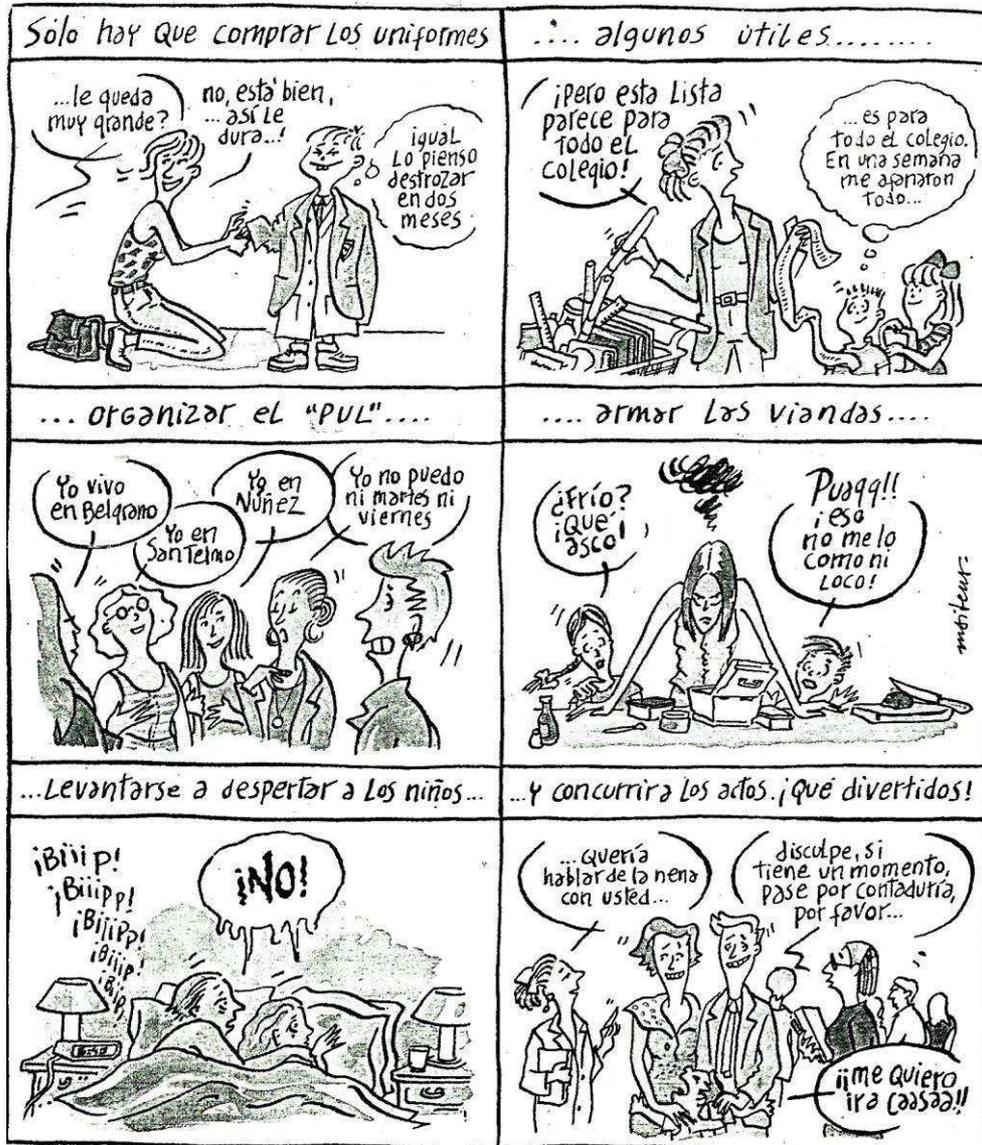


Figura 14

Pode-se observar na figura 14 que as obrigações com os filhos são exclusividade feminina, pois em praticamente todas as imagens que aparecem a mulher está sozinha com os filhos. Mesmo após várias conquistas das mulheres pelo seu "espaço no mundo", suas funções e obrigações no lar continuam as mesmas. Viver em função de servir aos filhos, pois lhes foi imposto que é responsabilidade, principalmente, da mulher cuidar e educar os filhos, já que se subentende que o homem cuida da estrutura da família, ou seja, que a função dele seja cuidar para que nada falte para sua família. É através dos cuidados com os

filhos que a mulher passa para a sociedade uma imagem positiva a seu respeito. E isso pode ser visto no primeiro capítulo deste trabalho, que desde sempre foi dada à mulher a função e a responsabilidade da criação dos filhos, principalmente, das filhas⁹. Também vale destacar como a mãe trata de forma diferente a criação do filho “homem” e da filha “mulher”, como pode ser visto na figura a seguir:

Seguro Que Las Mujeres no Somos Machistas?



Figura 15

Na figura 15 pode-se perceber que a própria criação dos filhos é diferenciada entre o menino e a menina, como pode ser visto no primeiro capítulo, que quando

⁹ Vale notar que essa função dada à mulher é algo cultural e está enraizada até os dias de hoje na sociedade, e isso pode ser percebido através de pequenas coisas que acontecem no dia a dia, pode ser citado como exemplo as roupas usadas pelos filhos e o esposo, pois se saem de casa sem estarem usando uma roupa limpa e bem passada as pessoas ao redor, inconscientemente, já ligam isso ao fato de que a mãe/esposa não é de fato dedicada à família e a rotulam como “desleixada”.

pequenas as crianças não percebem essa diferença na criação, mas em compensação essa distinção na adolescência é demonstrada e percebida com mais inquietação pela jovem, pois à medida que cresce vê o “favoritismo” do menino aos olhos da família, principalmente, da mãe. Como pode ser visto nesta figura, algumas coisas que são permitidas aos meninos não são permitidas às meninas, e é a própria mãe que impõe essas barreiras entre os filhos. Também pode ser observado que só a mãe tem os cuidados e preocupações com os filhos, nesse momento o homem é passivo e não tem nenhuma posição a respeito.

Todas essas situações se baseiam nos estereótipos femininos construídos no passado, e em alguns que se perpetuam até os dias atuais. Com isso pode remeter-se mais uma vez ao primeiro capítulo, onde se mostrou que é ensinado à mulher na sua “criação” que é algo normal e de sua obrigação “servir” ao homem para assim manter a base da família estruturada, como a sociedade tradicionalista assim definiu.

Apesar de todas as conquistas conseguidas pelas mulheres na história, ainda há obstáculos para serem ultrapassados, principalmente no seio familiar. Mesmo que o mundo tenha mudado e as mulheres tenham ganhado espaço nesse mundo, ainda há muitas características do passado (não tão distante) presentes até hoje.

Essa cobrança social traz uma sobrecarga enorme para a mulher, pois lhe é cobrado que seja “boa” em tudo que faz e que não descuide de suas “obrigações” com a família, como pode ser observado na figura a seguir:

De la vida y una de sus más frecuentes injusticias

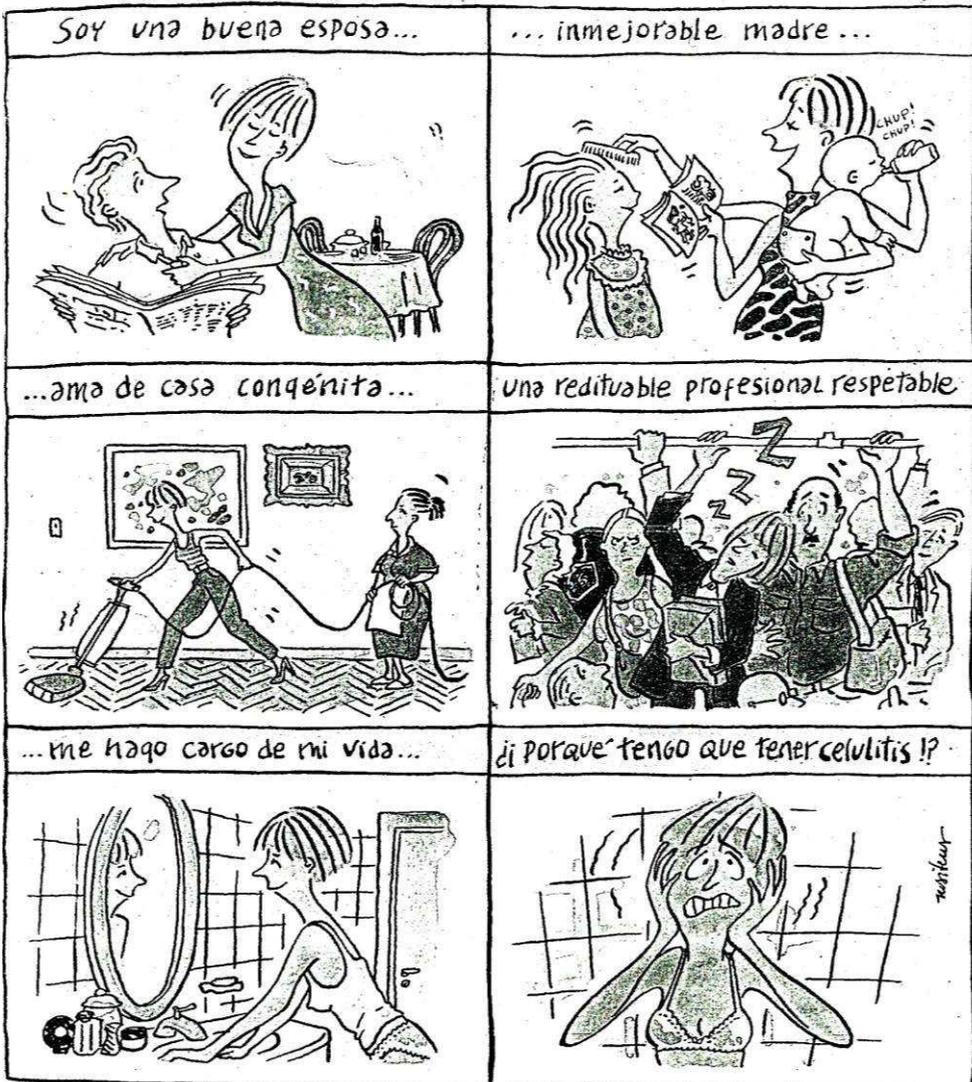


Figura 16

Parte dos conflitos internos que as mulheres vivem são com relação ao marido, aos filhos, às situações do dia-a-dia, principalmente com a estética. Desde épocas mais distantes a mulher foi condicionada a cuidar de sua aparência, ou seja, o valor de uma mulher era notado através da imagem que apresentava, como foi visto anteriormente. Na figura 16 pode-se notar que apesar de todas as conquistas da mulher, de todas as obrigações, de todas as preocupações no dia-a-dia, o que a faz perder o controle é algo de errado com sua aparência, e isso reflete como a mulher ainda é refém dos costumes fincados pela sociedade, e que

(inconscientemente) tem a aparência como o meio mais fácil de “aceitação” da sociedade.

E são essas pequenas coisas rotineiras que acabam fazendo com que as mulheres se cobrem – consciente ou inconscientemente – e se tornem inseguras e dependentes da aprovação dos outros, como pode ser notado a seguir:

Algunas de las paranoias más frecuentes de las mujeres



Figura 17

Na figura 17 pode ser notado que as mulheres apesar de terem conseguido vários avanços na busca de seu “espaço” na sociedade, têm como um dos principais obstáculos os valores enfiçados na cultura e que muitas vezes inconscientemente as “atormentam” por boa parte da vida (ou toda). Fazem de tudo para agradar ao

outro, são inseguras em praticamente tudo que vão fazer, pois dependem da aprovação dos outros para se sentirem queridas e/ou úteis. Com isso pode ser ressaltado o que foi visto no primeiro capítulo, onde a mulher passa por essa fase de querer agradar aos outros para se justificar como indivíduo, geralmente, essa insegurança acontece com mais intensidade na fase da adolescência, porém há casos em que esse desejo de querer ser “amada” por todos fica presente em toda a vida da mulher.

Também vale ressaltar que por trás dessa insegurança feminina há uma cobrança social para que a mulher siga “regras”, seja a responsável pelo bem-estar da família e que se “sacrifique” pelos seus, conforme pode ser notado pela figura a seguir:

Lo lindo de las vacaciones es descansar



Figura 18

Pode ser notado na figura 18 que a mulher vive em meio às suas “obrigações” e se cobra, inconscientemente talvez, para que tudo saia de um modo em que todos a percebam, pois ela é sempre a principal responsável pela organização do ambiente familiar, onde tem que cuidar dos filhos, do lar e em meio a todas essas “preocupações”, a busca pela beleza é o que mais prende a atenção da mulher. E que mesmo nas “férias”, quando todos têm descanso, à mulher não lhe é dado o direito desse descanso, pois não existem férias de ser MULHER e aonde quer que vá suas obrigações para com o bem-estar da família a acompanham.

Como pode ser observado em todas as tiras deste subcapítulo, a mulher já tem alcançado um certo espaço, almejado durante toda a história pela sua liberdade/independência social, porém se vê ligada a uma teia de valores e costumes enraizados na sociedade, e com isso ainda é tida como principal responsável pela existência da boa base familiar, onde praticamente é delegada a ela a criação dos filhos, o cuidado da casa e um bom casamento. Sem esquecer que além dessas preocupações, há ainda a que incomoda mais internamente a mulher, que é a insegurança com relação a sua aparência física. Essa “cobrança” social, na base familiar, dos deveres da mulher não fica só no âmbito privado e se estende até o âmbito público, onde é refletida a “atuação” da mulher na formação da base da família no meio social, como pode ser observado no próximo capítulo.

4 A MULHER NO ÂMBITO PÚBLICO

Neste capítulo serão analisadas algumas tiras de Quino e Maitena, abordando a função da mulher perante a sociedade, ou seja, como a mulher é vista socialmente e suas “obrigações” para ser bem aceita no meio social. Será dividido em duas partes, onde na primeira parte serão analisadas algumas tiras escolhidas de *Mafalda* com a temática da imagem da mulher perante a sociedade, com base nos primeiros capítulos deste trabalho. Na segunda parte serão analisadas algumas tiras escolhidas de *Mujeres Alteradas* de acordo com a mesma temática das tiras de *Mafalda*, onde poderemos observar a mulher no âmbito público.

4.1 A mulher em *Mafalda*

Mafalda, como personagem contestadora que é, tem opiniões muito diferentes de sua mãe e de sua amiga Susanita, principalmente com relação ao papel da mulher na sociedade, ou seja, o que a sociedade “exige” da mulher, como por exemplo, ter uma boa aparência física, ter uma família estruturada e passar a imagem de uma boa mãe e esposa, visto que elas têm essas “preocupações”. Mafalda não vê a mulher como um objeto de “ornamentação” na sociedade, ela acredita que a mulher pode ser independente e diretamente ativa na sociedade.

Uma das principais “frustrações” de Mafalda é com relação à situação da mãe, que abandonou os estudos para dedicar-se à família e se “anula” como indivíduo autônomo e passa a viver para obter o reconhecimento dos outros e para agradá-los. E com relação a Susanita, tem como principal discordância que ela só vê a mulher como objeto a ser exibido e que tem a obrigação de cuidar de sua aparência física, para assim mostrar aos outros sua “importância”. Tais afirmações podem ser reforçadas na figura seguinte:



Figura 19

Mafalda sempre teve o desejo de ver a mãe fazer algo importante, como estudar, trabalhar e ser independente, para assim se orgulhar de sua progenitora, isso pode ser visto na figura 19, quando ela sonha com a mãe indo mostrar-lhe o diploma e que a mãe busca ser motivo de orgulho para Mafalda e diz que ela não é mais filha de uma “mediocre”, isso faz com que Mafalda acorde feliz e, de certo modo, esperançosa para que a mãe mude sua (falta de) atitude, porém ela logo se depara com a realidade da mãe e se decepciona, pois vê o bobo que a mãe usa no cabelo como se fosse o diploma do sonho e percebe que a mãe continua do mesmo modo, preocupando-se apenas com a aparência física e não dando importância ao seu conteúdo. A tristeza de mafalda é tanta que ao ver a realidade da mãe, ela acaba chorando e a mãe não entende o porquê de tanta tristeza no semblante da filha.

Essa atitude da mãe de Mafalda não é uma característica exclusiva sua, pois à mulher sempre foi comum a valorização da aparência como principal qualidade feminina, como pode ser percebido nos primeiros capítulos deste trabalho, que através da boa aparência a mulher conseguia atrair as atenções para sua imagem. E a partir dessa preocupação, com o estereótipo de aparência perfeita estabelecida pela sociedade, a mulher busca seguir os “rituais de beleza” para conseguir ser notada e esses valores estão presentes na vida feminina desde a infância, como pode ser observado na figura a seguir:

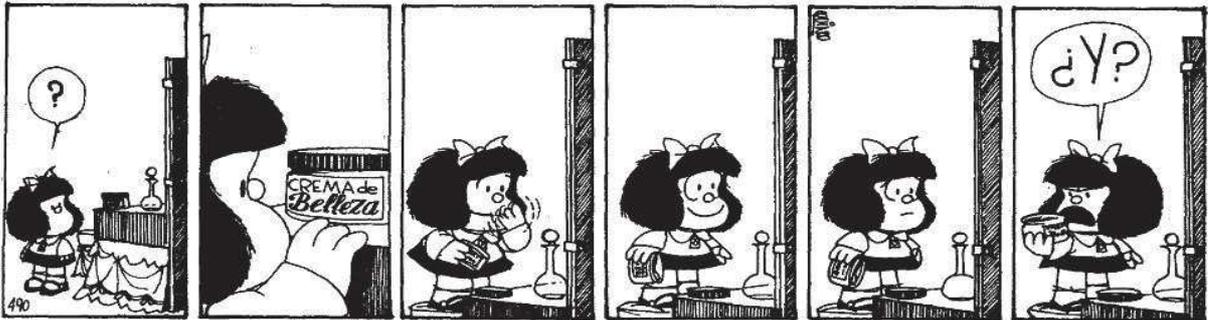


Figura 20

Na figura 20 pode ser notado que, mesmo Mafalda tendo uma opinião já formada sobre o papel que a mulher deve ter na sociedade e não concordando com as atitudes da mãe e da amiga em serem passivas ao destino “escolhido” pela cultura da sociedade, por curiosidade, de algum modo tenta se incluir nesse “mundo” da mãe e da amiga. Mafalda, quando vê o creme de beleza da mãe, fica pensativa e resolve testá-lo, porém, como não vê o resultado imediatamente, se irrita e não entende por que não houve o resultado esperado.

Pode ser notado que apesar de Mafalda não ter a preocupação constante com a estética, o meio em que vive de alguma forma a influenciou para essa curiosidade. Vale ressaltar que as mulheres de todas as idades e todas as classes sociais são, de algum modo, adeptas desses “rituais” de beleza, principalmente, da utilização de cremes. Esses “rituais” para conseguir a beleza idealizada mantêm as mulheres reféns dos estereótipos estabelecidos pela sociedade, que contribuem para torná-las superficiais e fúteis, visto que é uma imagem culturalmente enraizada no meio social, o que mais uma vez é retratado e criticado na tira de Quino:



Figura 21

Pode-se dizer que na figura 21 Mafalda “representa” a crítica social, ela fala da imagem estereotipada das mulheres na visão social, que são consideradas fúteis, por terem interesse, principalmente, em cuidar da aparência física e pelo fato de não demonstrarem interesse em assuntos relevantes para a sociedade. Pode ser notado nessa figura que é comum às meninas, nesse caso representadas por Susanita, em suas brincadeiras imitarem suas mães e verem suas vidas como um destino normal às mulheres. Elas têm as mães como um exemplo a ser seguido e de admiração, porém Mafalda nesse caso foge de todas essas “regras” comuns às meninas em diversas sociedades e épocas, percebe como as mães são bobas, fatos esses que foram explicitados nos capítulos anteriores deste trabalho.

A maioria das mulheres lidam com conflitos internos, principalmente na fase adulta, no que diz respeito à aparência física. Elas ficam preocupadas com a imagem que os outros terão delas, como pode ser percebido na figura seguinte:



Figura 22

Na figura 22 pode ser notada, através da mãe de Mafalda, uma preocupação comum a todas as mulheres, que é o “medo” de engordar e perder o biotipo físico “exigido” pela sociedade, essa é uma situação que geralmente afeta bastante as mulheres, pois sabe-se que sempre lhes foi atribuído o aspecto físico como fator principal de “qualidade” feminina. Isso foi observado anteriormente neste trabalho, às mulheres sempre lhes foi ensinado que ter uma boa aparência física é a principal “função” da mulher na sociedade, é através da aparência feminina que o homem mostra o seu status social. Já Mafalda acha essa questão da preocupação da mãe com a aparência uma estupidez, visto que muitas pessoas no mundo são “magras” não por opção ou por estética, mas sim pelas condições precárias de vida, fato dado pela desigualdade social no mundo, ela sempre vê a vida de um modo mais “crítico”

e realista, e acha muitas atitudes das mulheres superficiais por se importarem com o seu “eu” e não enxergarem os problemas que ocorrem no mundo à sua volta.

Infelizmente, pode ser notado que na história feminina a sociedade deu como opção de escolha à mulher a cultura da aceitação, alguns perfis femininos seguem seu destino aceitando o que lhes foi traçado sem a inquietude por almejar buscar um caminho próprio e independente do que lhe foi rotulado, como podemos notar pela representação de Susanita:



Figura 23

Na figura 23 pode ser observado que Mafalda está admirando a foto de um foguete, onde se mostra feliz e “esperançosa” com os avanços da tecnologia para o futuro. Já Susanita, com seu pensamento ligado à boa aparência feminina como principal característica e “função” da mulher na sociedade, se resume em só pensar o futuro da mulher como cuidar da aparência e vê um “batom” ao invés de um “foguete” e não entende a irritação de Mafalda ao ouvi-la, pois este é, para ela, o futuro comum a todas as mulheres. Susanita não se preocupa com assuntos mais relevantes, como nesse caso, o futuro da humanidade, e assim pode ser notado que é um costume da sociedade na criação da menina/mulher fazer com que ela esteja preocupada apenas em agradar a todos ao seu redor através de sua beleza. Isso pode ser observado nos capítulos anteriores, onde igual a Susanita, à maioria das mulheres lhes cabiam a passividade e a aceitação do destino imposto pela sociedade, sendo este destino considerado por elas como único a seguir. Também vale destacar nessa figura que o que cada uma viu no desenho do recorte de um jornal é o resultado do que cada uma, consciente ou inconscientemente, tem como visão de mundo.

Nas figuras apresentadas nesse subcapítulo pode ser notado que a preocupação da mulher com sua imagem/aparência é algo comum e prioritário na

vida feminina, ressaltando que, apesar dessas tirinhas representarem a imagem de uma sociedade dos anos 60/70, ainda hoje traços desses comportamentos podem ser notados no meio social, principalmente, no que diz respeito à preocupação da mulher com a estética, como pode ser observado a seguir através das tiras de *Mujeres Alteradas*.

4.2 A perspectiva feminina em *Mujeres Alteradas*

Uma das maiores preocupações das mulheres ainda continuam sendo, nos dias de hoje, o cuidado com a aparência. Apesar de todas as conquistas e avanços femininos no decorrer da história, essa fixação pela aparência está enraizada na cultura e a mulher com toda sua independência é “refém” de sua beleza, ou melhor, da busca pelo “estereótipo perfeito” exigido pela sociedade. Vejamos as tiras de *Mujeres Alteradas* a seguir:

Dime Qué Edad Tienes y Te Diré a Qué Médico Visitas



Figura 24

Pode ser observado na figura 24 que a mulher em diversas épocas de sua vida tem uma preocupação diferente com a sua saúde e convive com isso normalmente, mas a parte que mais a atormenta é quando chega a uma certa idade e vê sua imagem sendo “agredida” pelo tempo. E com isso seus medos vêm à tona, pois a aparência foi dada como principal “arma” de ascensão feminina, mesmo com os avanços do mundo atual ainda se vê isso muito presente no meio social.

Essa questão pode ser observada nos capítulos anteriores deste trabalho, onde foi mostrado que apesar das diversas faixas etárias, das diferentes épocas, essa preocupação com a beleza ainda é um obstáculo na vida das mulheres. Algumas lidam com isso com naturalidade, mas muitas encaram como uma obrigação estarem dentro dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade para serem “aceitas”. E a partir desses estereótipos definidos pela sociedade podem ser

notadas algumas situações preconceituosas que as mulheres enfrentam em distintos momentos cotidianos, como pode ser observado na figura seguinte:



Figura 25

Na figura 25 pode ser notado o modo como a mulher é “cobrada” pela sociedade. Mesmo após as conquistas obtidas na “luta” do feminismo, atualmente há outras cobranças que se intensificaram. A mulher, agora independente e livre, é cobrada pela sociedade para que seja uma boa profissional, além de continuar sendo cobrada na criação dos filhos, no cuidado com o lar e na dedicação ao esposo. Como pode ser visto nos capítulos anteriores, cada vez mais a mulher conquista espaço na sociedade, mas “caem” em cima de si mais responsabilidades. A mulher sente a necessidade de mostrar sua capacidade perante a sociedade,

assim, a vida feminina vive em um ciclo de cobranças sociais, que direta ou indiretamente, a mantém refém das “exigências” da sociedade.

Também pode ser percebido nessa figura que a sociedade não vê a mulher como um ser capaz de cumprir o papel que lhe foi incumbido: ser mãe, cuidar do lar e ser esposa, e ao mesmo tempo que consiga ter a liberdade e espaço em um mundo culturalmente dominado pelos homens. E pode-se dizer que com isso se criam explicações para mostrar falhas femininas e rotulações, como, por exemplo, afirmar que a mulher que for bonita não tem capacidade de mostrar inteligência, que se tiver uma boa vida financeira ou foi herdada do pai ou do esposo e não pelo seu próprio esforço. Se a mulher for inteligente a consideram arrogante por mostrar sua inteligência, e de qualquer forma a sociedade encontra uma forma de rotular a situação feminina e de testá-la, já querendo comprovar uma incapacidade de antemão.

Além dessas cobranças sociais para que a mulher prove sua capacidade para conciliar vida particular com a vida profissional, há também a cobrança com a aparência feminina, pois as mulheres têm que estar sempre belas e apresentáveis, fatos esses que se baseiam na cultura social em que para os homens o cuidado com a aparência física não é tão necessário, já para as mulheres é fundamental, pois assim são “aceitas” e incorporadas no meio social, como pode ser notado a seguir:

Las seis injusticias más machistas del culto a la belleza

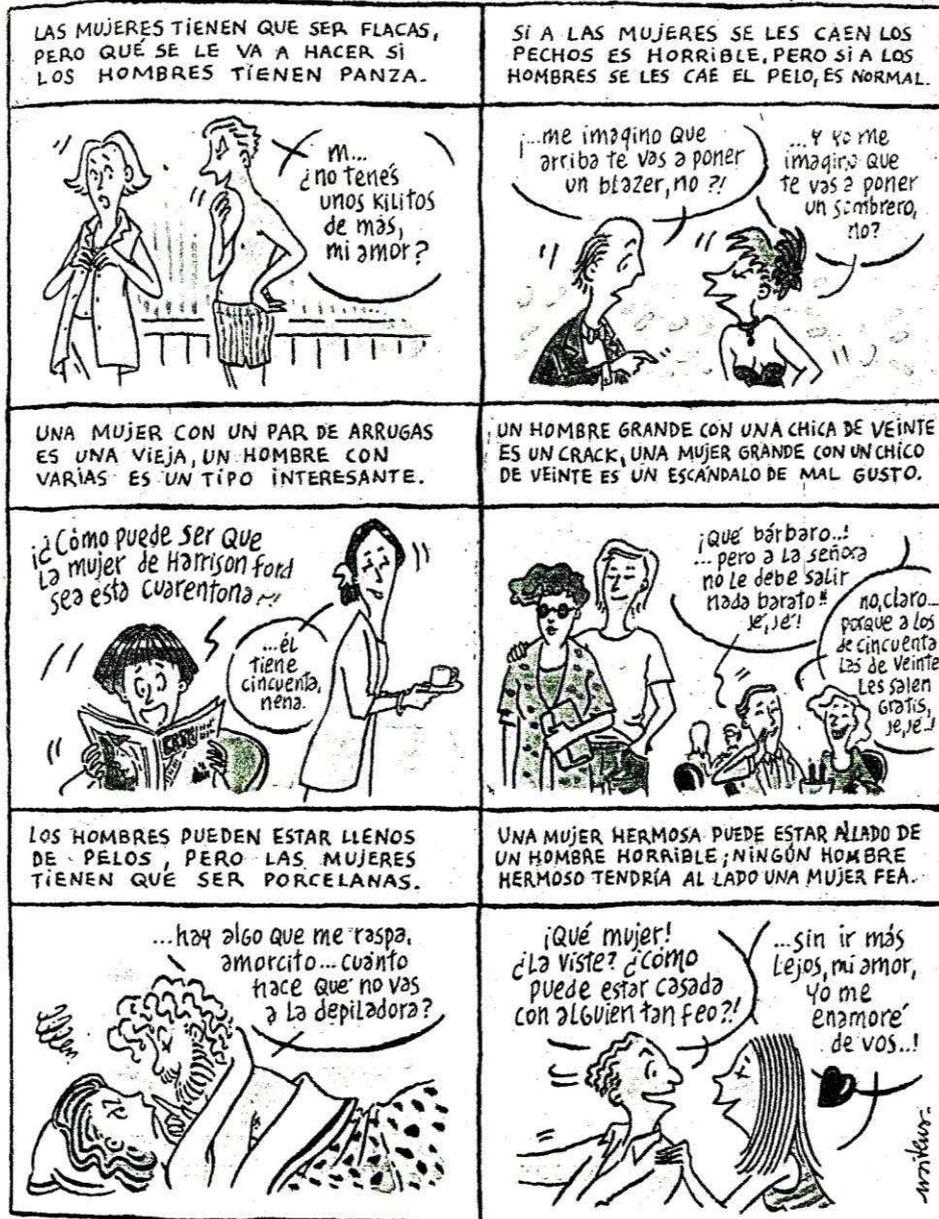


Figura 26

Pode ser percebido na figura 26 que uma das coisas que mantém a mulher refém das cobranças sociais é o “culto à beleza”, que é comum em todas as fases da vida feminina, e não é algo cobrado ao homem. Nota-se, em culturas de diferentes lugares e épocas, que essa cobrança para a mulher seguir um estereótipo físico, definido como o ideal, é cada vez maior, e a mulher acaba envolvendo-se nesta teia, onde a mídia também exerce um poder de convencimento, exaltando

uma beleza que as mulheres se sentem na “obrigação” de seguirem para poderem ser aceitas e incluídas na vida social.

Vale ressaltar que estes estereótipos femininos variam de região pra região e de época, como por exemplo, em décadas passadas a mulheres eram tidas como modelo de beleza se tivessem o corpo mais “cheinho” e atualmente a mulher considerada bela é a que tem um corpo magro e definido. Para seguir aos estereótipos de beleza social e culturalmente estabelecidos, a mulher é submetida a um processo com várias situações incômodas, tudo para ter como resultado estar “perfeita” aos olhos da sociedade e usar isso como principal arma para obter sucesso e destaque ao seu redor.

Essas definições de beleza a serem seguidas estão enraizadas na cultura da sociedade, mesmo com as mudanças, esse é um dos pontos em que as mudanças foram menos expressivas para a mulher em comparação às mudanças ocorridas no seio familiar e na área de trabalho. Apesar do espaço conseguido no mundo social, esse é um obstáculo que a mantém “presa” e, de certo modo, assombra-a e a rende à grande teia do culto à beleza, como foi mostrado ao longo da história da mulher no mundo.

Vale ressaltar também que a cobrança com a busca pela beleza idealizada, de um certo modo, é algo que a mulher tem enfiado em seu inconsciente, ou seja, que apesar de a sociedade cobrar, a mulher também se cobra e busca alcançar o êxito de várias formas, o objetivo desejado varia de acordo com a idade e com a necessidade feminina, de acordo com o momento pelo que está passando, e isso pode ser notado na figura a seguir:

¿Qué es La Belleza Para Una Mujer?



Figura 27

As mulheres conseguiram independência, liberdade e muitos outros avanços em suas vidas com o passar dos anos, porém ainda são “reféns” dos estereótipos de beleza estabelecidos pela sociedade, mas também elas mesmas se rotulam de acordo com o objetivo em cada fase da vida, como pode ser observado na figura 27, onde a mulher em cada faixa etária tem uma preocupação principal com relação à imagem que apresentará no meio social, que tem seus estereótipos já definidos e tidos como “corretos”. E, por trás dessa cobrança social, há a própria cobrança interna da mulher que se rotula para se justificar, ou seja, a mulher busca um “estilo”

de beleza para se definir e para o qual deve se dedicar em determinada etapa da vida, como pode ser observado na figura. Aos vinte anos a mulher tem que focar em sua forma física e ter um corpo malhado, aos trinta anos tem que cuidar do peso e ser magra, aos quarenta não só cuidar da aparência, mas também tem que ter conteúdo, ou seja, tem que ser informada e demonstrar também inteligência, aos cinquenta anos tem que andar bem vestida para mostrar elegância, aos sessenta anos a mulher tem que ser rica e mostrar suas qualidades através de seus bens materiais, e aos setenta anos tem que ter uma aparência sadia e vale dizer que para uma mulher nessa faixa etária as coisas que ela considerava importantes já não o são, não há tempo para se perder com coisas superficiais.

Os valores enraizados pela cultura da sociedade ainda são muito presentes no mundo atualmente, valores esses que podem ser observados nos capítulos anteriores deste trabalho. A questão do comportamento feminino e masculino, naturalmente, é igual, mas a sociedade vê e julga de modos bem diferentes, o homem tem mais liberdade e “compreensão” nos seus atos, porém a mulher está mais presa às regras “morais” impostas pela sociedade.

Mesmo com os avanços femininos, a mulher ainda vive em meio às “obrigações” para com a sociedade e com seus conflitos internos, principalmente, com relação à imagem que os outros terão, visto que consciente ou inconscientemente a mulher está à mercê desta “teia” social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi abordada a temática do papel feminino na sociedade, a partir de um estudo comparativo sobre as personagens femininas nas tiras *Mafalda*, do autor Joaquim Salvador Lavado (Quino) (1964) e *Mujeres Alteradas*, da autora Maitena Burundarena (1993), buscando fazer a relação entre as personagens femininas de ambas as tiras em sua função histórica e social.

Tendo em conta que nas décadas de 60/70 e 90/00 o mundo passava por transformações, com relação ao espaço que a mulher passava a ocupar na sociedade e com a criação de movimentos feministas, passou-se a dar destaque ao papel da mulher na sociedade. Com isso, pôde ser analisado através das personagens femininas das tiras, argentinas, de Quino e Maitena, o modo como foi tratado o contexto da ascensão feminina desde sua função histórica, social e cultural.

Através das análises feitas em ambas as tiras, pode-se concluir que a mulher vem ocupando seu espaço no meio social, em sua história enfrentou muitos obstáculos, principalmente de acordo com os valores enraizados na cultura da sociedade que deixava a mulher à margem de fatos importantes na história. A partir dos aspectos apresentados no primeiro capítulo deste trabalho, pode ser visto que os valores presentes na criação da menina influenciaram e influenciam na formação da mulher, aspectos esses que foram baseados na teoria de Simone de Beauvoir, que teve forte influência dos estudos de Sigmund Freud.

Com isso foi notada a importância de relatar neste trabalho, mesmo que brevemente, a evolução dos movimentos feministas em vários cantos do mundo e em épocas distintas, quando a mulher buscou o seu espaço em um “mundo” culturalmente machista.

Apoiando-se nessas teorias foram analisadas as tiras *Mafalda* e *Mujeres Alteradas* procurando explorar os modos como são caracterizadas as personagens femininas tanto no âmbito privado quanto no público, ou seja, a função dada à mulher em seu meio familiar e no ambiente social em que está inserida.

Pôde ser observada nas tiras de Quino a ruptura da imagem da mulher daquela época com suas limitações impostas pela sociedade, através da personagem Mafalda, que tinha sua opinião própria e se expressava livremente sobre os mais variados assuntos e que entrava em divergência com os ideais das

personagens de sua mãe e de Susanita. Já nas tiras de Maitena foi observado através das personagens femininas que a mulher já tem sua independência, tem liberdade para expor seus pensamentos diante da sociedade, mas tem que lidar com seus medos interiores, suas angústias, com situações do dia-a-dia repletas de sobrecarga.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Editora Difusão Européia do Livro. 2ª Edição, São Paulo, 1967. Tradução: Sérgio Milliet. Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01//409680.pdf> Acesso em: 01 de novembro de 2012.

BURUNDARENA, Maitena Inês. *Mujeres Alteradas 1*. Atlántida: Buenos Aires, 2001.

_____, Maitena Inês. *Mujeres Alteradas 2*. Atlántida: Buenos Aires, 2000.

_____, Maitena Inês. *Mujeres Alteradas 3*. Atlántida: Buenos Aires, 2000.

_____, Maitena Inês. *Mujeres Alteradas 4*. Atlántida: Buenos Aires, 1999.

_____. Maitena Inês. *Mujeres Alteradas 5*. Lumen: Buenos Aires, 2001.

DAMIAN, S.; SILVA, J. C. *A Identificação com os Pais na Busca do Parceiro Amoroso na Vida Adulta*. Psicanálise UNOESC, Santa Catarina. Disponível em: <http://psicologado.com/abordagens/psicanalise/a-identificacao-com-os-pais-na-busca-do-parceiro-amoroso-na-vida-adulta#ixzz36NddBC4X> Acesso em: 18 de junho de 2014.

GARCÍA, Carla Cristina. *Breve História do Feminismo*. Editora Claridade, São Paulo, 2011.

QUINO. *Mafalda 1*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 2*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 3*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 4*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 5*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 6*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 7*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 8*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 9*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

_____ *Mafalda 10*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1965.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In BURKE, Peter. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP. 1992.P. 63-95 Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=XMih8wEFXXwC&pg=PA63&lpg=PA63&dq=Hist%C3%B3ria+das+Mulheres+Joan+Scott.&source=bl&ots=21jyomBH-&sig=geCGtlhFm5BMWx33MfM1IRZcN1I&hl=pt-BR&sa=X&ei=yPViU92sPNK8oQS9oYHQDQ&ved=0CFAQ6AEwBQ#v=onepage&q=Hist%C3%B3ria%20das%20Mulheres%20Joan%20Scott.&f=false> Acesso em: 12 de novembro de 2013.

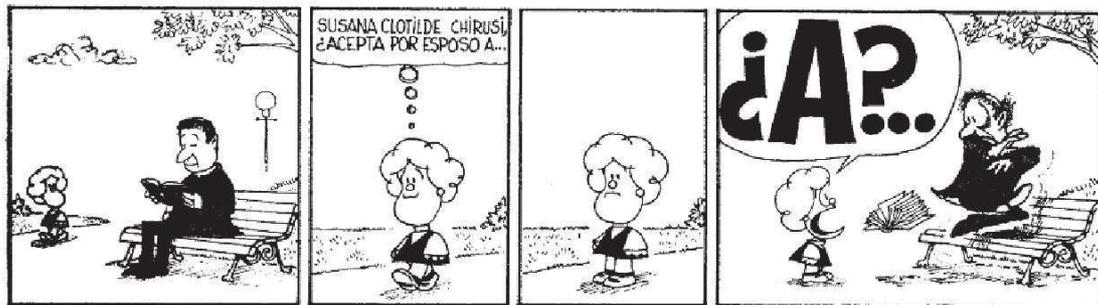
ANEXOS

ANEXO A – A Mulher no âmbito privado (*Mafalda e Mujeres Alteradas*)









A qué hora puede volver la nena, según pasan los años



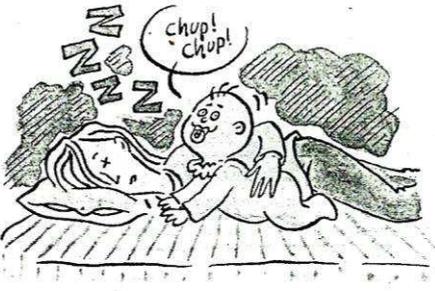
El niño, su madre y la paliza, según pasan los años



Dime qué pierdes... y te diré quién eres...



Seis típicos tópicos de ser madre de un bebé pequeño

<p>IR A DORMIR AL RETOÑO Y QUEDARSE FRITA ANTES QUE ÉL.</p>	<p>DESCUBRIR QUE HACE DOS MESES QUE NO TE CORTÁS LAS UNAS.</p>
	
<p>HABLAR EXCLUSIVAMENTE DE COSAS QUE NO LE INTERESAN A NADIE.</p>	<p>RELACIONARSE DIARIAMENTE CON LA MADRE O LA SUEGRA.</p>
	
<p>DEJAR DE INVITAR A CASA A LOS AMIGOS TRASNOCHADORES.</p>	<p>ESTAR AGOTADA.</p>
	

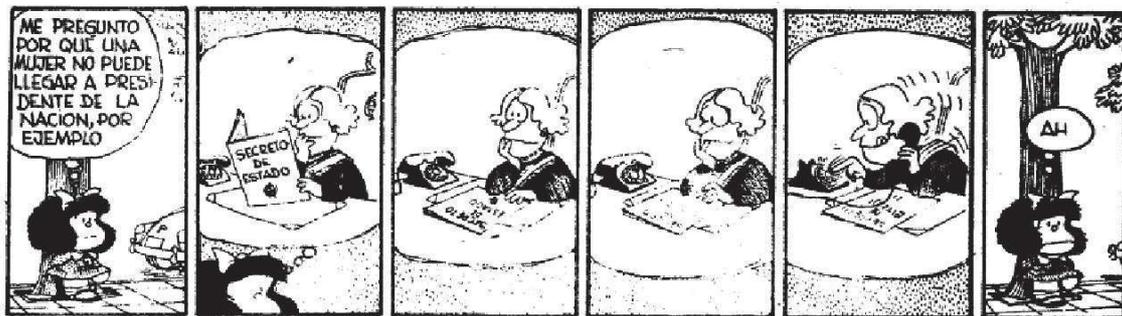
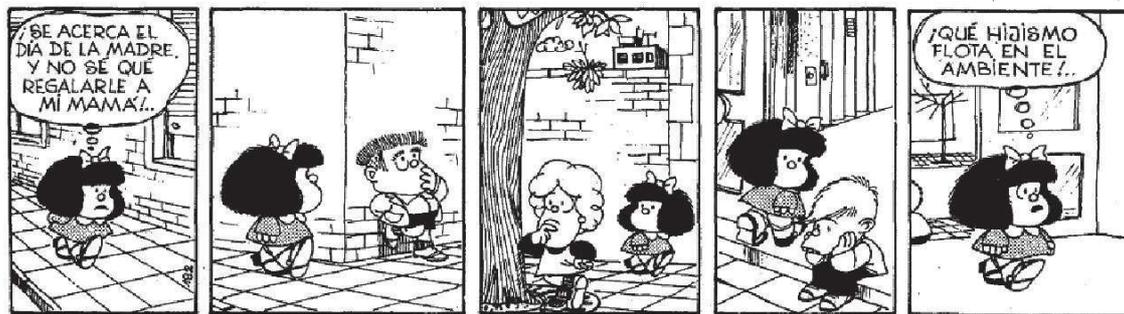
Qué esperamos encontrar las mujeres al llegar a la playa



A qué hora puede volver la nena,
según pasan los años

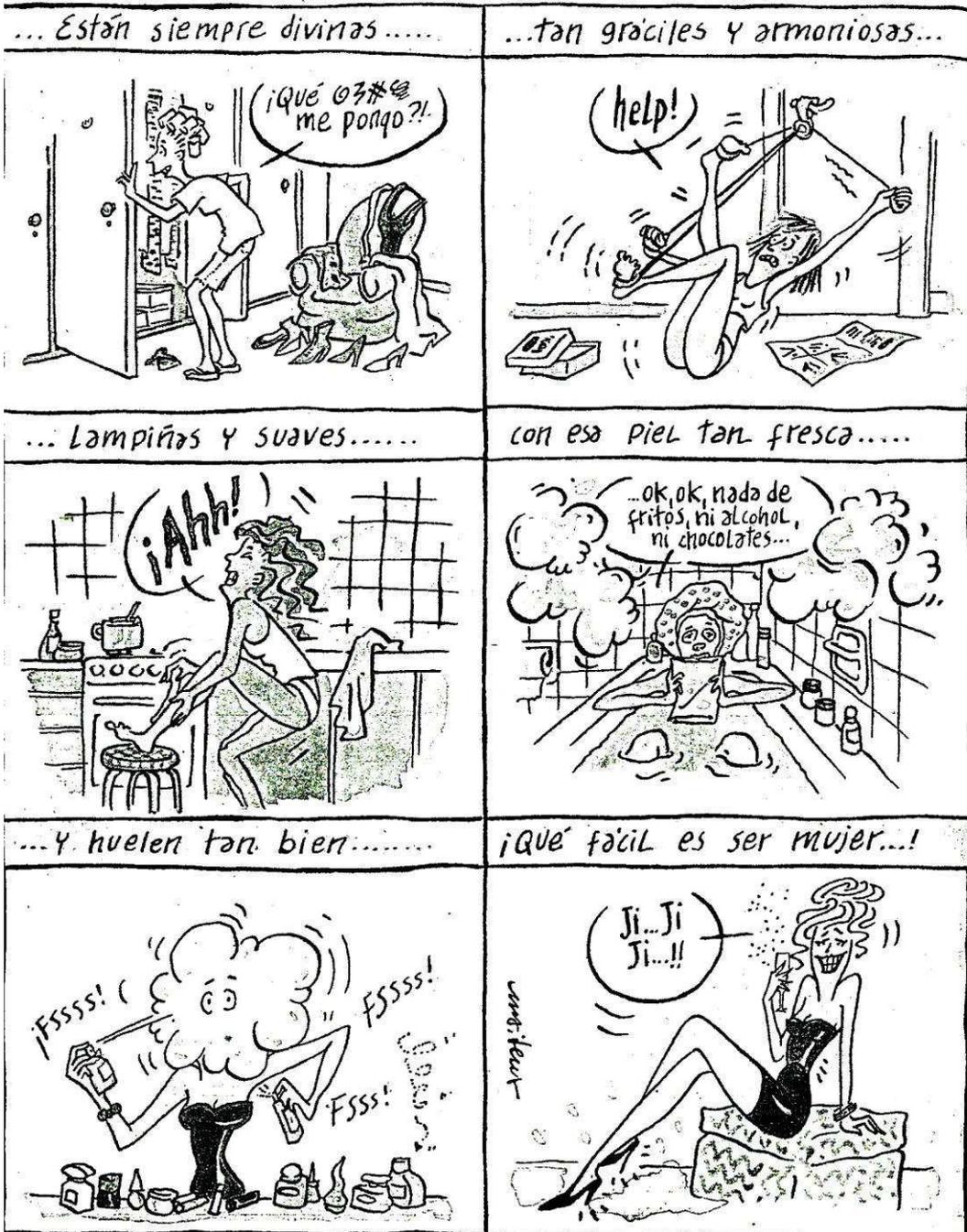


ANEXO B – A Mulher no âmbito público (*Mafalda e Mujeres Alteradas*)





¡Las mujeres son tan hermosas...!



ser flaca.



Seis cosas típicamente femeninas

